

MONITORIZAÇÃO AGROMETEOROLÓGICA E HIDROLÓGICA

31 de outubro de 2025

Ano Hidrológico 2025/2026

**Relatório do Grupo de Trabalho de assessoria técnica à
Comissão Permanente de Prevenção, Monitorização e Acompanhamento dos
Efeitos da Seca**

Índice

Nota Introdutória	6
Avaliação meteorológica.....	8
2.1. Temperatura.....	8
2.2. Precipitação.....	9
2.3. Situação de Seca Meteorológica	12
2.4. Evolução até ao final do mês	16
Disponibilidades hídricas armazenadas nas albufeiras	18
3.1. Situação de Seca Hidrológica	21
3.2. Disponibilidades hídricas <i>versus</i> necessidades	24
Águas Subterrâneas.....	28
4.1. Comparação com o mês anterior.....	28
4.2. Análise dos níveis piezométricos.....	28
4.3. Massas de água em situação crítica	33
4.4. Massas de água em vigilância	33
4.5. Apreciação geral.....	34
Reservas de água nas albufeiras de aproveitamento hidroagrícola.....	35
5.1. Análise aos dados hidrométricos	37
5.2. Planeamento de contingência.....	37
Agricultura e Pecuária.....	41
6.1. Preparativos para o próximo ano agrícola - Condições em que decorreram as lavouras e sementeiras.....	41
6.2. Prados, pastagens permanentes e forragens.....	41
6.3. Culturas de Primavera/Verão.....	41
6.4. Culturas arbóreas e arbustivas (vinha, pomares e olival):	43
6.5. Abeberamento dos animais	47
Outras Informações	48
7.1. Abastecimento por recurso a autotanques dos Corpos de Bombeiros	48
7.2. Abastecimento público	50
7.3. Transferência do sistema Alqueva – Pedrogão	59
Anexo I.....	63
Anexo II.....	68
Anexo III.....	69

Índice de Figuras

Figura 1 - Desvio da temperatura média do ar e percentagem de precipitação em relação à normal 1991-2020 no mês de outubro (período 1941 – 2025) (Fonte: IPMA)	8
Figura 2 - Anomalias da temperatura média do ar no mês de outubro, em Portugal continental, em relação aos valores médios no período 1991-2020 (Fonte: IPMA)	8
Figura 3 - Evolução diária da temperatura do ar de 1 a 31 de outubro de 2025 em Portugal continental (Fonte: IPMA)	9
Figura 4 - Anomalias da quantidade de precipitação, no mês de outubro, em Portugal continental, em relação aos valores médios no período 1991-2020 (Fonte: IPMA)	10
Figura 5 - Maior valor de precipitação em 24h (09-09 UTC) no mês de outubro de 2025 e respetivo extremo para outubro (Fonte: IPMA)	11
Figura 6 - Distribuição espacial da percentagem da precipitação total (média concelho) em relação à normal climatológica 1991-2020, no mês de outubro de 2025 (Fonte: IPMA) .	12
Figura 7 - Percentagem de água no solo (média 0-100 cm profundidade), em relação à capacidade de água utilizável pelas plantas (ECMWF) a 30 de setembro e a 31 outubro 2025 (Fonte: IPMA).....	13
Figura 8 - Distribuição espacial do índice de seca meteorológica (média concelho) a 30 de setembro e a 31 de outubro 2025 (Fonte: IPMA)	14
Figura 9 - Distribuição espacial do índice SPI nas escalas de 3, 6, 9 e 12 meses no final de outubro 2025 (Fonte: IPMA)	16
Figura 10 - Distribuição espacial do índice de seca meteorológica PDSI calculado com base em cenários de precipitação para o mês de novembro de 2025 (Fonte: IPMA)	17
Figura 11 - Situação das albufeiras em setembro (esquerda) e em outubro de 2025 (direita)	18
Figura 12 - Percentagem de volume total armazenado por bacia hidrográfica, em 31 de outubro de 2024 e de 2025 (Fonte: APA).....	19
Figura 13 - Evolução do armazenamento desde outubro de 2023 até 31 de outubro de 2025, comparativamente à média (1990/91 a 2019/20) (Fonte: APA).....	21
Figura 14 - Níveis de seca hidrológica no mês de setembro (esquerda) e em outubro de 2025 (direita) (Fonte: APA)	22
Figura 15 - Nível de armazenamento em outubro de 2025 e os níveis de alerta de seca hidrológica correspondentes a 31 de outubro (Fonte: APA)	24
Figura 16- Volumes armazenados desde outubro de 2025 e a média, na albufeira do Monte da Rocha (Fonte: APA)	24

Figura 17 - Evolução prevista dos volumes armazenados na albufeira do Monte da Rocha considerando a estimativa dos consumos e evaporação até setembro de 2026 (Cenário sem precipitação significativa até ao final do ano). (Fonte: APA).....	25
Figura 18 - Volumes armazenados desde outubro de 2025 e a média, na albufeira da Bravura	25
Figura 19- Evolução prevista dos volumes armazenados na albufeira da Bravura considerando a estimativa dos consumos e evaporação até setembro de 2025 (Cenário sem precipitação significativa até ao final do ano) (Fonte: APA).....	26
Figura 20 - Evolução dos volumes armazenados na albufeira de Santa Clara (31/01/1994 a 31/11/2025)	26
Figura 21 - Níveis de armazenamento nas seis albufeiras da Região do Algarve a 31 de outubro de 2025 e comparação com os valores de armazenamento observados a 31 de outubro de 2024 (Fonte: APA).....	27
Figura 22 - Evolução das reservas hídricas subterrâneas entre setembro (esquerda) e outubro de 2025 (direita) (Fonte: APA).	28
Figura 23 - Localização das albufeiras monitorizados pela DGADR (Fonte: DGADR)	35
Figura 24 - Distribuição do volume total armazenado nas albufeiras hidroagrícolas à data deste relatório.....	37
Figura 25 - Disponibilidades hídricas nas albufeiras hidroagrícolas à data deste relatório	38
Figura 26 - Número de abastecimentos públicos (Fonte: ANEPC).....	48
Figura 27 - Volume total armazenado (valores médios) a 31/10 nas albufeiras usadas pelas empresas do grupo AdP para abastecimento público – evolução entre 2022 e 2025 (Fonte: AdP)	50
Figura 28 - Capacidade das albufeiras e volumes total e útil armazenados a 31/10/2025 nas albufeiras das empresas AdN e AdDP para abastecimento público. (Fonte: AdP).	52
Figura 29- Capacidade das albufeiras e volumes total e útil armazenados a 31/10/2025 nas albufeiras das empresas EPAL e AdVT para abastecimento público. (Fonte: AdP).	53
Figura 30- Capacidade das albufeiras e volumes total e útil armazenados a 31/10/2025 nas albufeiras das empresas AdSA, AgdA e AdA para abastecimento público. (Fonte: AdP). .	54
Figura 31 - Pontos de medição apresentados nas tabelas – Sistema Alqueva-Pedrogão .	61

Índice de tabelas

Tabela 1 - Resumo da monitorização em situação normal	6
Tabela 2 - Classes do índice PDSI - Percentagem do território afetado entre janeiro e outubro de 2025.....	14
(Fonte: IPMA)	14
Tabela 3 - Armazenamentos nas albufeiras em março, com tendências evolutivas e previsões para a campanha (Sistema de Informação do Regadio – SIR, http://sir.dgadr.gov.pt/reservas).....	36
Tabela 4 - Disponibilidade de água nas albufeiras do Grupo IV (28 de outubro de 2025), de aproveitamentos hidroagrícolas, monitorizados pela DRAPN (Fonte: CCDR Norte)	39
Tabela 5 - Disponibilidade de água nas albufeiras do Grupo IV (31 de outubro de 2025), de aproveitamento hidroagrícolas (Fonte: DRAP Centro)	40
Tabela 6 - Resumo do ponto de situação: volume total armazenado (%) nas albufeiras onde as empresas do grupo AdP captam água para abastecimento público a 31/10/2025 (Fonte: AdP)	50
Tabela 7 - Ponto de situação, a 31/10, das albufeiras onde as empresas do grupo AdP captam água para abastecimento público: volume total armazenado (hm ³ e %) (comparação entre 2022 e 2025) (Fonte: AdP).....	51
Tabela 9 - Cotas e volumes do sistema Alqueva-Pedrogão, referentes a 01/11/2025 (Fonte: EDIA).....	59
Tabela 10 - Volumes mensais transferidos (hm ³) do sistema Alqueva-Pedrogão em 01/11/2025 (Fonte: EDIA)	59
Tabela 11 - Volumes totais elevados (hm ³) do sistema Alqueva-Pedrogão em 01/04/2025 (Fonte: EDIA).....	60

Nota Introdutória

O presente relatório foi elaborado com o objetivo de assegurar uma Monitorização Agrometeorológica e Hidrológica, para que fique reunida a informação suficiente para avaliação das disponibilidades hídricas em Portugal Continental.

Esta monitorização consta da compilação dos parâmetros acompanhados pelo Instituto Português do Mar e da Atmosfera, I. P. (IPMA), pelo Gabinete de Planeamento, Políticas e Administração Geral (GPP), em ligação com as Direções Regionais de Agricultura e Pescas (DRAP) e com Instituto Nacional de Estatística (INE), pela Agência Portuguesa do Ambiente (APA), pela Direção-Geral de Agricultura e Desenvolvimento Rural (DGADR), pela Autoridade Nacional Emergência Proteção Civil (ANEPC), pela Águas de Portugal (AdP) e ainda com a informação disponibilizada pela Empresa de Desenvolvimento e Infraestruturas do Alqueva (EDIA), Tabela 1.

Tabela 1 - Resumo da monitorização em situação normal

Parâmetro	Organismo	Periodicidade
Precipitação, Teor de Água no Solo, Temperatura do ar e Previsões meteorológicas (temperatura e precipitação)	IPMA	Mensal
Agricultura de Sequeiro e Pecuária Extensiva	GPP/DRAP/INE	Mensal
Armazenamento de Água Subterrânea	APA	Mensal
Armazenamento de Água Superficial (albufeiras)	APA	Semanal
Armazenamento nas Albufeiras dos Aproveitamentos Hidroagrícolas Grupo 2 e algumas do Grupo 3	DGADR	Semanal
Armazenamento nas Albufeiras utilizadas para produção de água para abastecimento público	AdP	Mensal
Abastecimento por recurso a autotanques dos Corpos de Bombeiros	ANEPC	Mensal
Transferências do sistema Alqueva-Pedrogão	EDIA	Mensal

A presente abordagem está prevista no Plano de Prevenção, Monitorização e Contingência para Situações de Seca, aprovado pela Comissão Permanente de Prevenção, Monitorização e Acompanhamento dos Efeitos da Seca (CPPMAES), criada pela Resolução de Conselho de Ministros nº 80/2017, de 7 de junho.

Este diploma criou também um Grupo de Trabalho com o objetivo de assessorar tecnicamente a Comissão, que tem, de entre outras, a função de:

“Produzir relatórios mensais de monitorização dos fatores meteorológicos e humidade do solo, das atividades agrícolas e dos recursos hídricos, cuja periodicidade deve ser intensificada

quando seja detetada uma situação de anomalia ou declarada uma situação de seca, sendo que nestas situações os relatórios passam também a incluir as estimativas de consumo ou utilização pelas principais atividades, nomeadamente o abastecimento público, a agricultura, a produção de energia e a indústria com maiores consumos de água.”

Nos relatórios poderão ser sempre incluídos temas que seja oportuno dar a conhecer, sejam de caracterização das condições, sejam de divulgação de recomendações ou de decisões técnicas e políticas assumidas.

Essas vertentes enquadrar-se-ão no referido Plano, que, apresentando-se estruturado em três eixos de atuação - Prevenção, Monitorização e Contingência - contempla temas como a determinação de limiares de alerta, a definição de metodologias para avaliação do impacto dos efeitos de uma seca, a conceção de manuais de procedimentos para padronização da atuação, a disponibilização de planos de contingência e a preparação prévia de medidas para mitigação de efeitos da seca.

Este relatório de monitorização agrometeorológica e hidrológica, relativo a 31 de outubro de 2025, é o centésimo oitavo produzido no contexto legislativo referido e o primeiro do ano hidrológico em curso (2025/2026).

Avaliação meteorológica

2.1. Temperatura

O mês de outubro de 2025 em Portugal continental classificou-se como muito quente e seco, Figura 1.

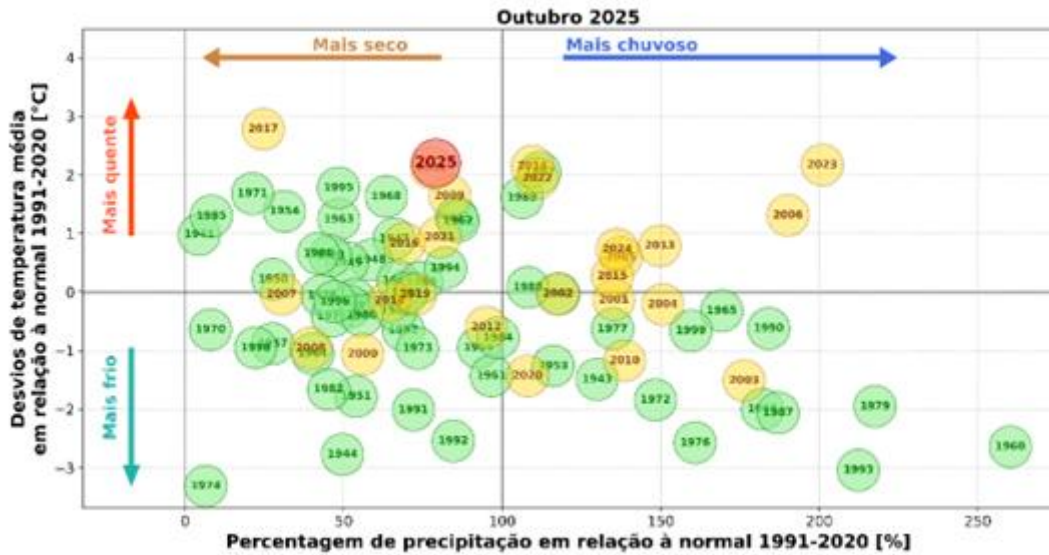


Figura 1 - Desvio da temperatura média do ar e percentagem de precipitação em relação à normal 1991-2020 no mês de outubro (período 1941 – 2025) (Fonte: IPMA)

O mês de outubro em Portugal continental foi o 2º outubro mais quente desde 1931, com uma média da temperatura média do ar, 19.00 °C, 2.21°C acima do valor normal 1991-2020, Figura 2.

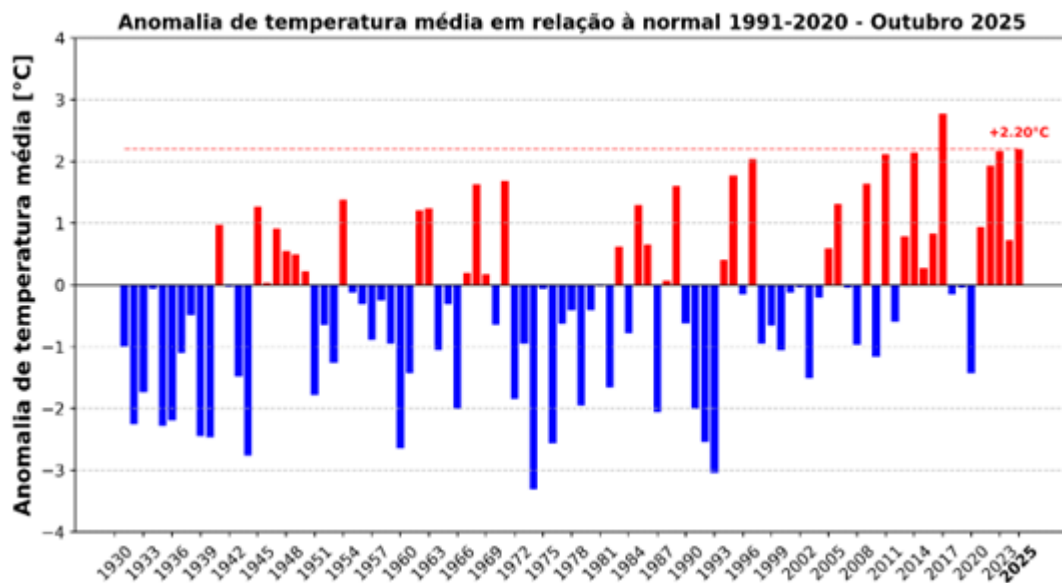


Figura 2 - Anomalias da temperatura média do ar no mês de outubro, em Portugal continental, em relação aos valores médios no período 1991-2020 (Fonte: IPMA)

O valor médio de temperatura mínima, 13.42 °C, foi o 6º mais alto desde 1931, com uma anomalia de +1.80 °C em relação ao valor normal; O valor médio de temperatura máxima, 24.57 °C, foi 2.61 °C superior ao valor normal.

Na Figura 3, apresenta-se a evolução diária da temperatura do ar (mínima, média e máxima) de 1 a 31 de outubro de 2025 em Portugal continental.

Durante o mês destacam-se valores de temperatura (máxima, média e mínima) sempre acima do valor médio mensal até dia 19 na temperatura máxima e, até dia 25, na temperatura mínima. Ocorreu uma onda de calor no período de 10 a 19, em cerca de 60% das estações meteorológicas, abrangendo as regiões Norte, Centro e Alto Alentejo.

Na temperatura mínima salienta-se o período de 19 a 24 de outubro com desvios superiores a 3.0 °C; neste período foram registados novos extremos do maior valor da temperatura mínima em Portel e Mértola.

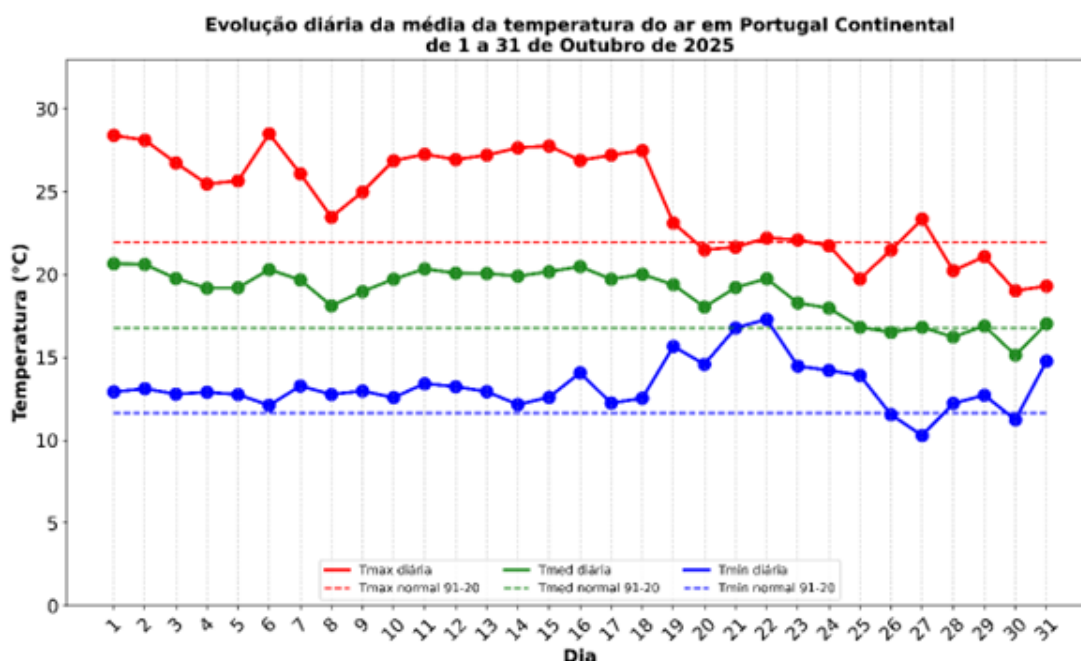


Figura 3 - Evolução diária da temperatura do ar de 1 a 31 de outubro de 2025 em Portugal continental (Fonte: IPMA)

2.2. Precipitação

Em relação à precipitação (Figura 4) o total de precipitação mensal em outubro foi de 86.4 mm, correspondendo a 79% do valor médio 1991-2020. Valores de precipitação mensal inferiores ao deste mês ocorreram em 49% dos anos, desde 1931.

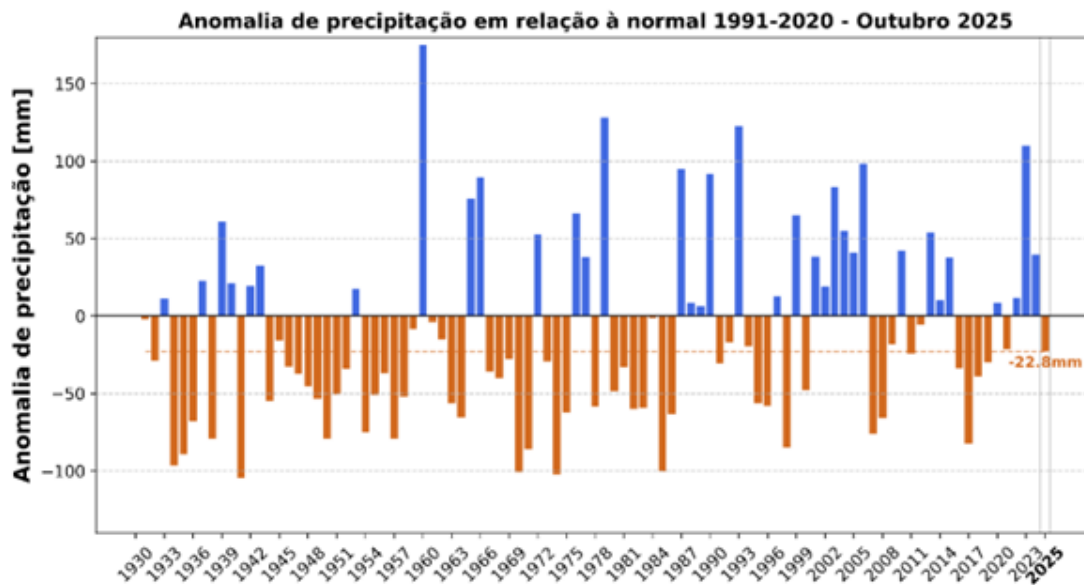


Figura 4 - Anomalias da quantidade de precipitação, no mês de outubro, em Portugal continental, em relação aos valores médios no período 1991-2020 (Fonte: IPMA)

Durante o mês, destacam-se os valores elevados de precipitação diária nos dias 28 e 29 na região metropolitana de Lisboa e no Algarve. Desta forma, nos dias 28 e 29 de outubro verificou-se a ocorrência de precipitação persistente e forte, por vezes acompanhada de trovoada e rajadas fortes, associada a uma depressão com características subtropicais.

No dia 31 de outubro verificou-se um novo episódio de tempo severo que se prolongou até ao dia 1 novembro (dia com maior impacto) e que afetou essencialmente a região litoral Norte e a região Centro. Destaca-se no dia 31 os valores de precipitação acumulados em 1h, 3h, 6h na estação de Porto/Massarelos com valores de bastante significativos: 30.7 mm, 52.1 mm, 61.0 mm e 74.0 mm em 12 horas, respetivamente

Na Figura 5, apresentam-se os valores diários mais altos ocorridos no mês de outubro de 2025 e o respetivo extremo do mês de outubro. A vermelho estão assinalados os valores de precipitação em 24 horas, que ultrapassaram o anterior máximo para o mês de outubro (Cabo Raso, Barreiro/Lavradio e Torres Vedras/Dois Portos).

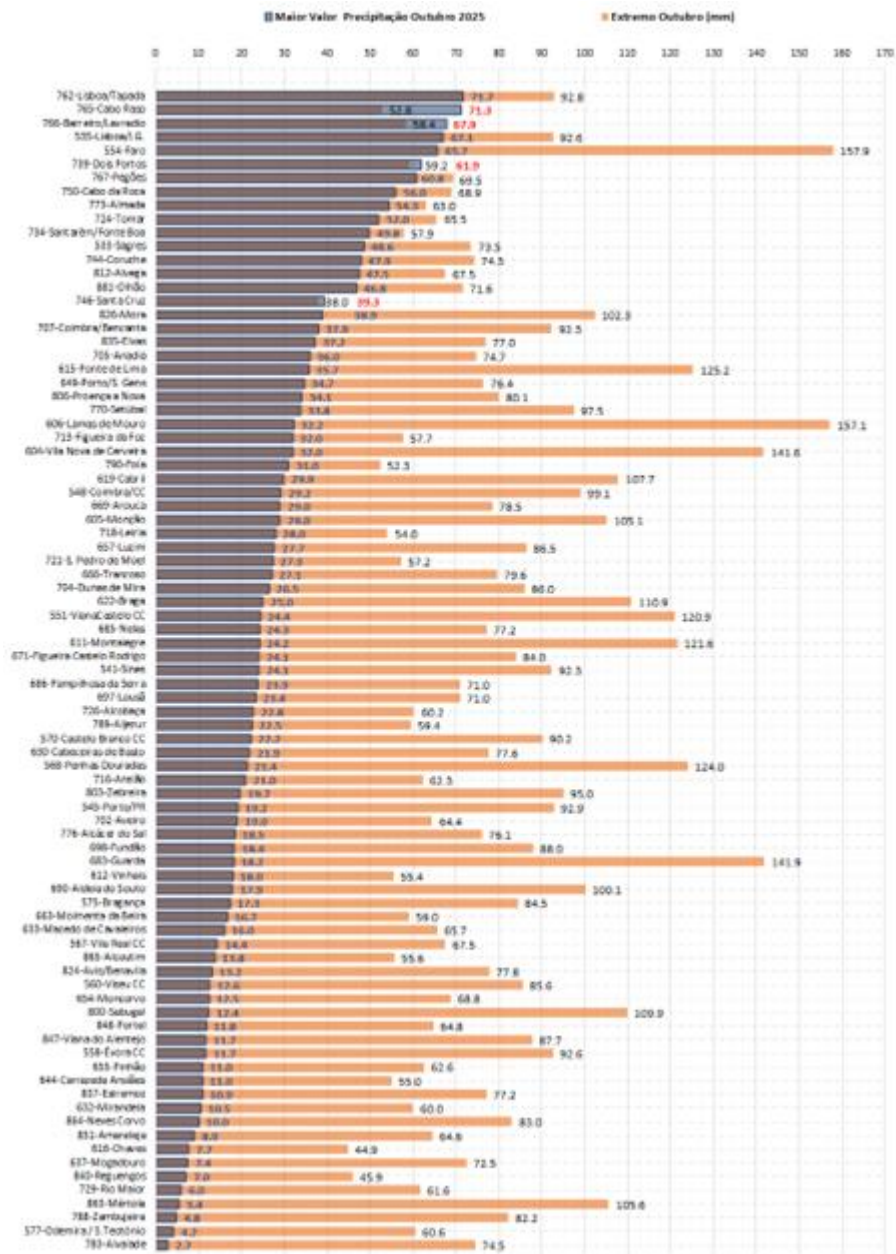


Figura 5 - Maior valor de precipitação em 24h (09-09 UTC) no mês de outubro de 2025 e respetivo extremo para outubro (Fonte: IPMA)

Em termos de distribuição espacial, os valores de precipitação em outubro os valores de precipitação em outubro foram em geral inferiores ao valor normal 1991-2020, exceto na região Centro, onde se destaca o distrito de Coimbra com valores de percentagem acima de 125%. Na região Sul, e em particular no Alentejo, registaram-se percentagens inferiores a 50% em relação ao valor médio, sendo mesmo inferior a 25% nos concelhos interiores do distrito de Beja, Figura 6.

O maior valor mensal da quantidade de precipitação em outubro foi registado no concelho de Vieira do Minho, 207.7 mm e o menor valor no concelho de Serpa, 11.1 mm.

O valor mais elevado de percentagem de precipitação em outubro, em relação ao valor médio, 141%, verificou-se no concelho de Coimbra e o valor mais baixo, 17%, no concelho de Serpa.

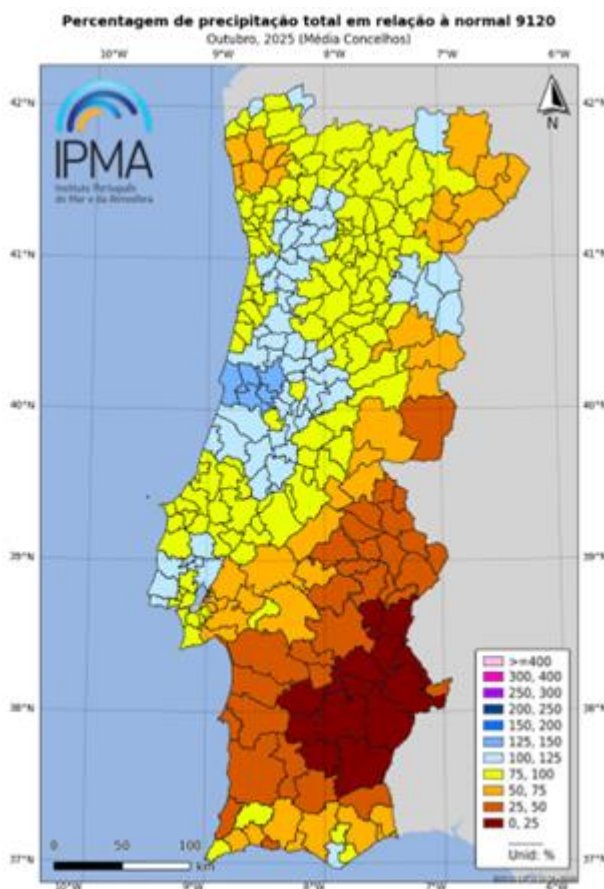


Figura 6 - Distribuição espacial da percentagem da precipitação total (média concelho) em relação à normal climatológica 1991-2020, no mês de outubro de 2025 (Fonte: IPMA)

2.3. Situação de Seca Meteorológica¹

Índice de Água no Solo (SMI)

Na Figura 7, apresenta-se o índice de água no solo (SMI) a 30 de setembro e a 31 de outubro de 2025.

No final de outubro, verificou-se uma recuperação significativa dos valores de água no solo em todo o território e, em especial, nas regiões do litoral Norte e Centro, com alguns locais ao nível da capacidade de campo.

Na região Sul, e em particular nos distritos de Évora e Beja, mantêm-se valores de água no solo inferiores a 20%.

¹Produto *soil moisture index* (SMI) em atualização.

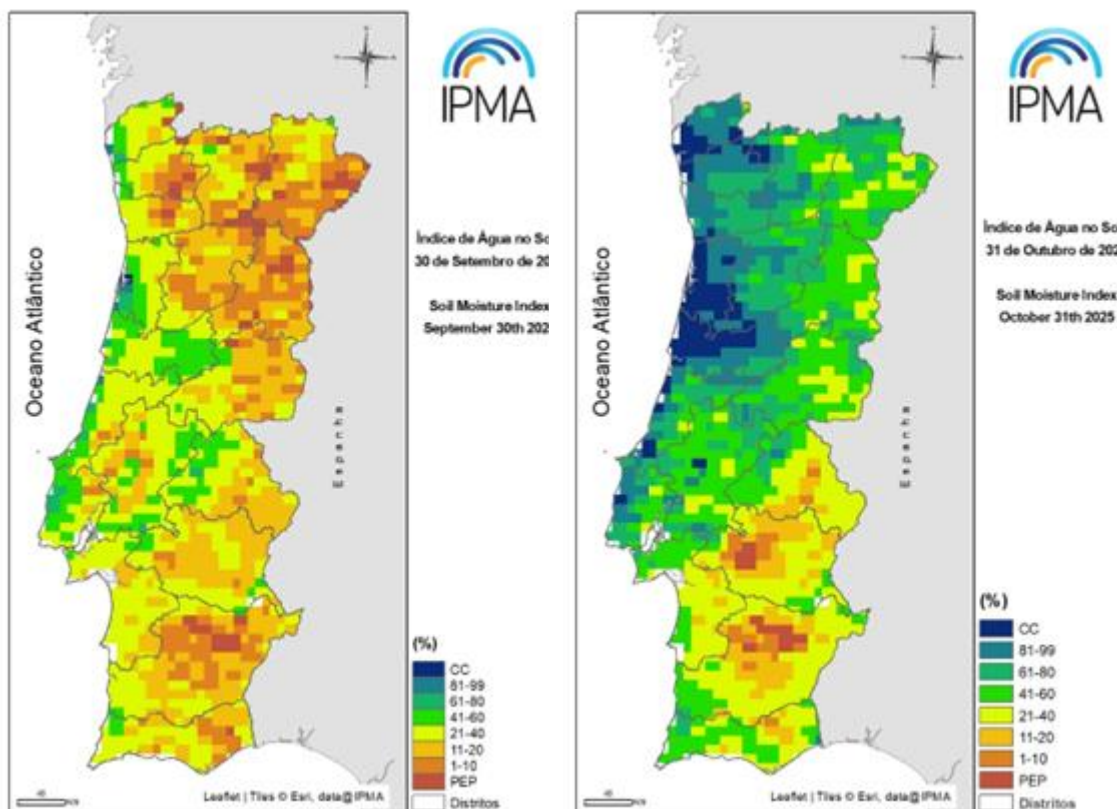


Figura 7 - Percentagem de água no solo (média 0-100 cm profundidade), em relação à capacidade de água utilizável pelas plantas (ECMWF) a 30 de setembro e a 31 outubro 2025 (Fonte: IPMA)

Índice de Seca PDSI

De acordo com o índice PDSI, no final de outubro, registou-se um agravamento da intensidade da seca meteorológica nas regiões Centro-Sul e Sul. Verificou-se um aumento da área em seca moderada, que passou a abranger alguns concelhos dos distritos de Portalegre e Castelo Branco, bem como o surgimento de zonas em seca severa nalguns concelhos dos distritos de Évora e Beja.

Por outro lado, na região Norte e grande parte do Centro verificou-se uma diminuição da área em seca, que se mantém apenas nalguns concelhos do Minho e da região Nordeste.

A distribuição percentual por classes do índice PDSI no território continental, no final de outubro é a seguinte: 1.2% na classe de chuva fraca, 32.4% na classe normal, 31.8% na classe de seca fraca, 27.9% na classe de seca moderada e 6.7% na classe de seca severa.

Na Tabela 2 apresenta-se a percentagem, mensal, do território Continental nas várias classes do índice PDSI, entre janeiro e outubro 2025.

Tabela 2 - Classes do índice PDSI - Percentagem do território afetado entre janeiro e outubro de 2025

(Fonte: IPMA)

Classes PDSI	31	28	31	30	31	30	30	31	31	30	31
	Jan 2025 (%)	Fev 2025 (%)	Mar 2025 (%)	Abr 2025 (%)	Mai 2025 (%)	Jun 2025 (%)	Jun 2025 (%)	Jul 2025 (%)	Ago 2025 (%)	Set 2025 (%)	Out 2025 (%)
Chuva extrema	0.0	0.0	0.0	1.1	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0
Chuva severa	0.0	0.0	23.1	56.3	2.8	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0
Chuva moderada	0.0	0.6	60.6	34.6	64.5	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0
Chuva fraca	53.4	33.3	16.3	7.9	25.9	14.8	0.0	0.0	0.0	0.0	1.2
Normal	40.3	65.5	0.0	0.0	6.8	76.4	33.3	0.6	0.6	5.5	32.4
Seca Fraca	6.2	0.6	0.0	0.0	0.0	8.8	62.1	78.5	78.5	67.8	31.8
Seca Moderada	0.1	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	4.6	20.9	20.9	26.7	27.9
Seca Severa	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	6.7
Seca Extrema	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0

A Figura 8 representa a distribuição espacial do índice de seca meteorológica PDSI, em termos médios por concelho (PDSI), a 30 de setembro e a 31 de outubro.

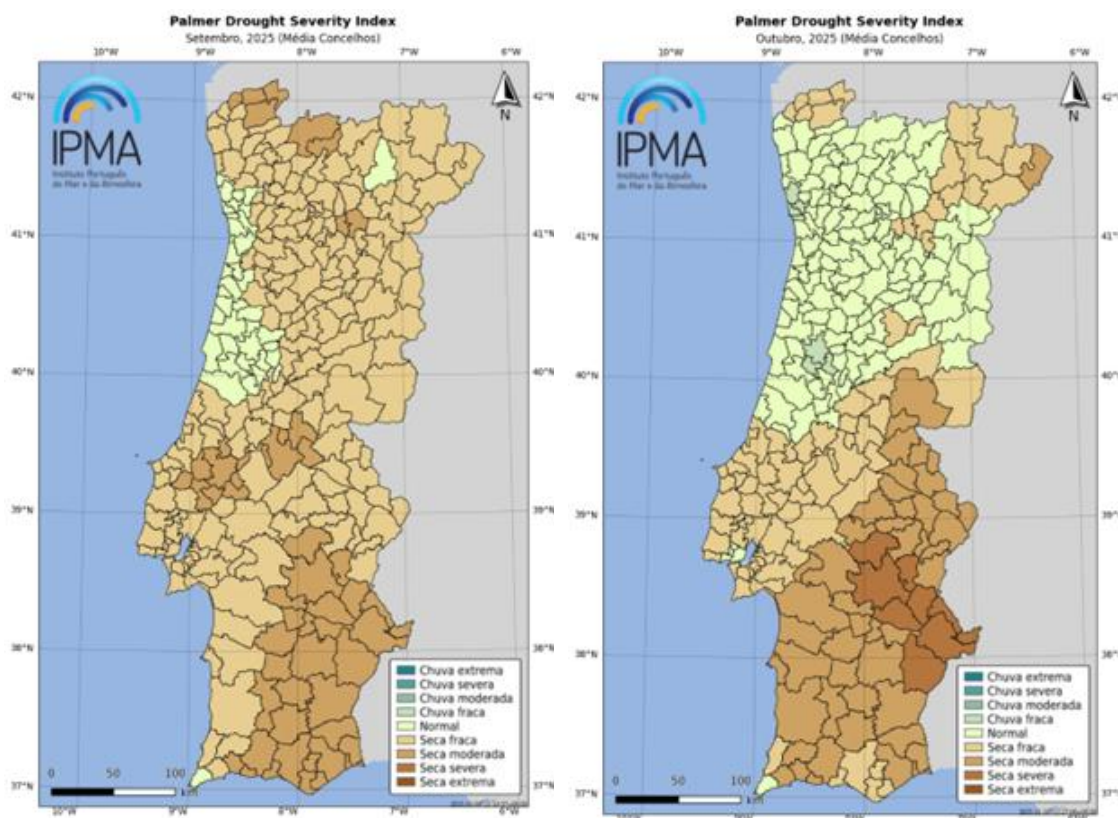


Figura 8 - Distribuição espacial do índice de seca meteorológica (média concelho) a 30

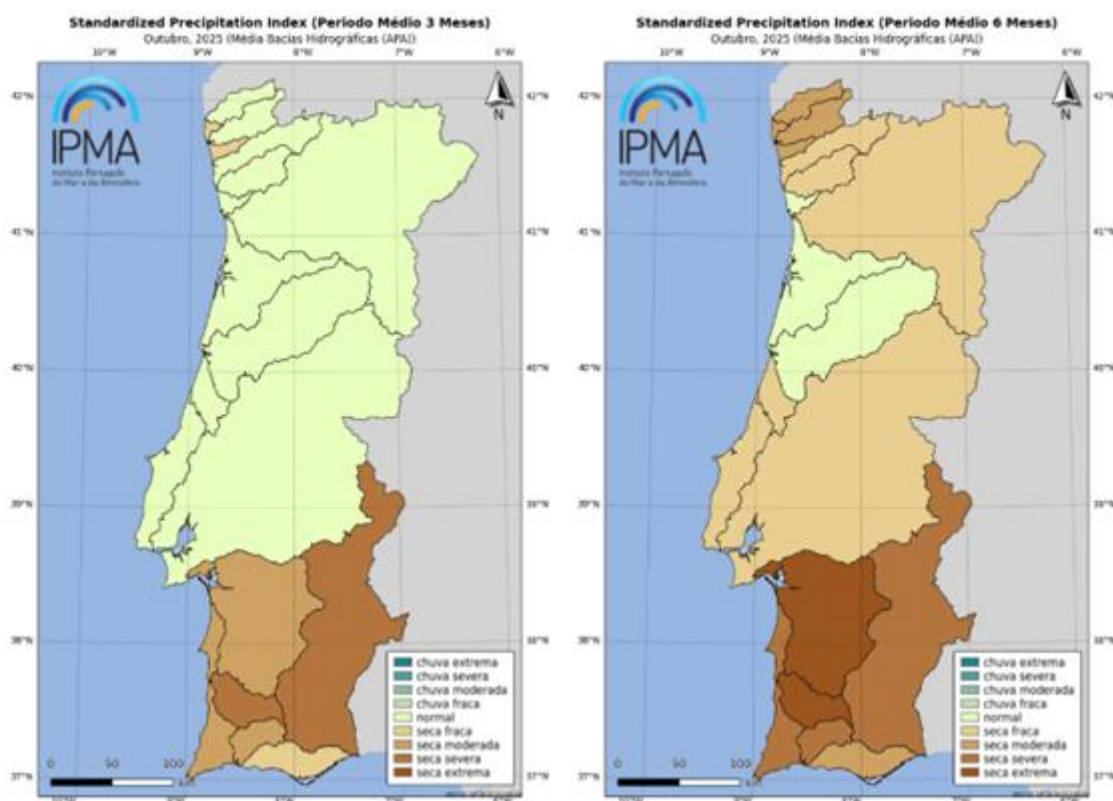
de setembro e a 31 de outubro 2025 (Fonte: IPMA)

Índice de seca SPI

O índice SPI (Standardized Precipitation Index- Índice padronizado de precipitação) quantifica o défice ou o excesso de precipitação em diferentes escalas temporais, que refletem o impacto da seca nas diferentes disponibilidades de água. Na Figura 9 apresenta-se o SPI nas escalas de 3, 6, 9 e 12 meses no final de outubro para as principais bacias hidrográficas do território (valor médio por bacia).

Na escala do SPI 3 meses, verificou-se uma diminuição da situação de seca nas bacias do Norte e um aumento da intensidade da seca nas bacias do Sul, destacando-se as bacias do Guadiana e de Mira na classe de seca severa. No SPI 6 meses, verificou-se um aumento da área e da intensidade da seca, em especial nas bacias da região Sul, uma vez que nos últimos 6 meses (maio a outubro), os valores de precipitação foram muito inferiores ao valor médio; de realçar as bacias do Sado e Mira na classe de seca extrema.

Nas restantes escalas do SPI (9 e 12 meses) continua a não existir seca em grande parte do território.



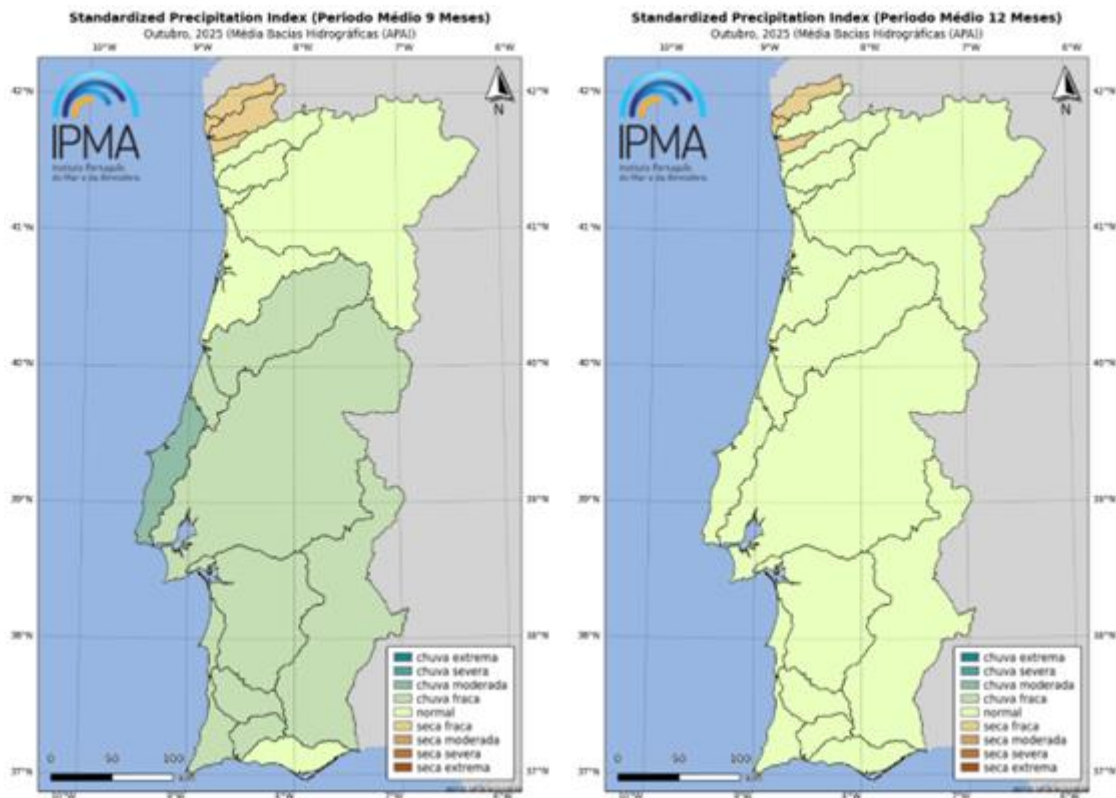


Figura 9 - Distribuição espacial do índice SPI nas escalas de 3, 6, 9 e 12 meses no final de outubro 2025
(Fonte: IPMA)

2.4. Evolução até ao final do mês

A evolução da situação de seca para o mês seguinte baseia-se na estimativa do índice PDSI, para cenários diferentes de ocorrência da quantidade de precipitação. Assim, tendo em conta a situação no final de outubro, consideram-se os seguintes cenários para a precipitação em novembro, Figura 10:

Cenário 1 (2º decil – D2) - Valores da quantidade de precipitação inferiores ao normal (valores inferiores ocorrem em 20% dos anos): aumento da área em seca meteorológica e aumento da intensidade na região Sul, com grande parte da região na classe de seca severa, surgindo também a classe de seca extrema.

Cenário 2 (5º decil – D5) – Valores da quantidade de precipitação próximos do normal: situação idêntica a 31 de outubro, mas com diminuição da área em seca moderada e severa.

Cenário 3 (8º decil – D8) – Valores da quantidade de precipitação superiores ao normal (valores superiores ocorrem em 20% dos anos): fim da seca meteorológica em quase todo o território, apenas alguns locais do Alentejo se mantêm sem seca fraca.

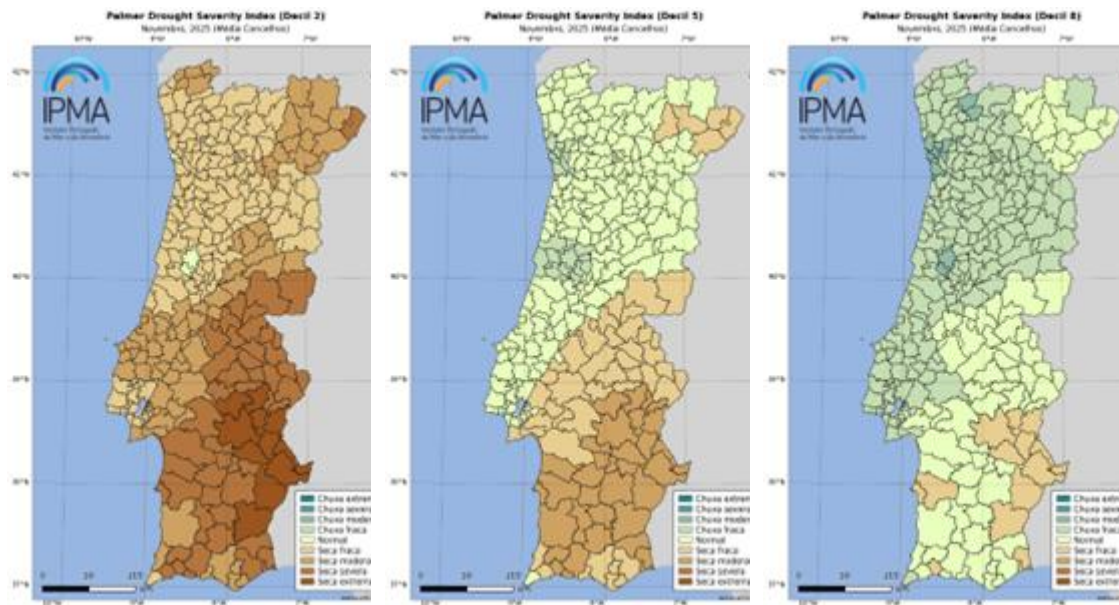


Figura 10 - Distribuição espacial do índice de seca meteorológica PDSI calculado com base em cenários de precipitação para o mês de novembro de 2025 (Fonte: IPMA)

Previsão mensal do Centro Europeu de Previsão do Tempo a Médio Prazo (ECMWF)²:

Segundo a previsão a médio e longo prazo, a interpretação das previsões do Multisistema-C3S e do modelo do Centro Europeu de Previsão a Médio Prazo mostram a seguinte tendência para as próximas semanas:

- **Semana 17/11 a 23/11** – Anomalia negativa: valores abaixo do normal para quase todo o território (-30 a -1 mm) exceto no Algarve.
- **Semana 24/11 a 30/11** – Anomalia negativa: valores abaixo do normal para quase todo o território (-30 a -1 mm) exceto a região litoral Norte.

Tendo em conta a precipitação já ocorrida na primeira quinzena de novembro e mesmo não se esperando valores acima do normal para as restantes semanas, é expectável uma diminuição da área e intensidade da de seca meteorológica em todo o território.

² <http://www.ipma.pt/pt/otempo/prev.longo.prazo/mensal/index.jsp?page=prev-182015.html>

Disponibilidades hídricas armazenadas nas albufeiras

Em 31 de outubro de 2025, e comparativamente ao último dia do mês anterior, verificou-se descida nas quinze bacias hidrográficas analisadas, Figura 11.

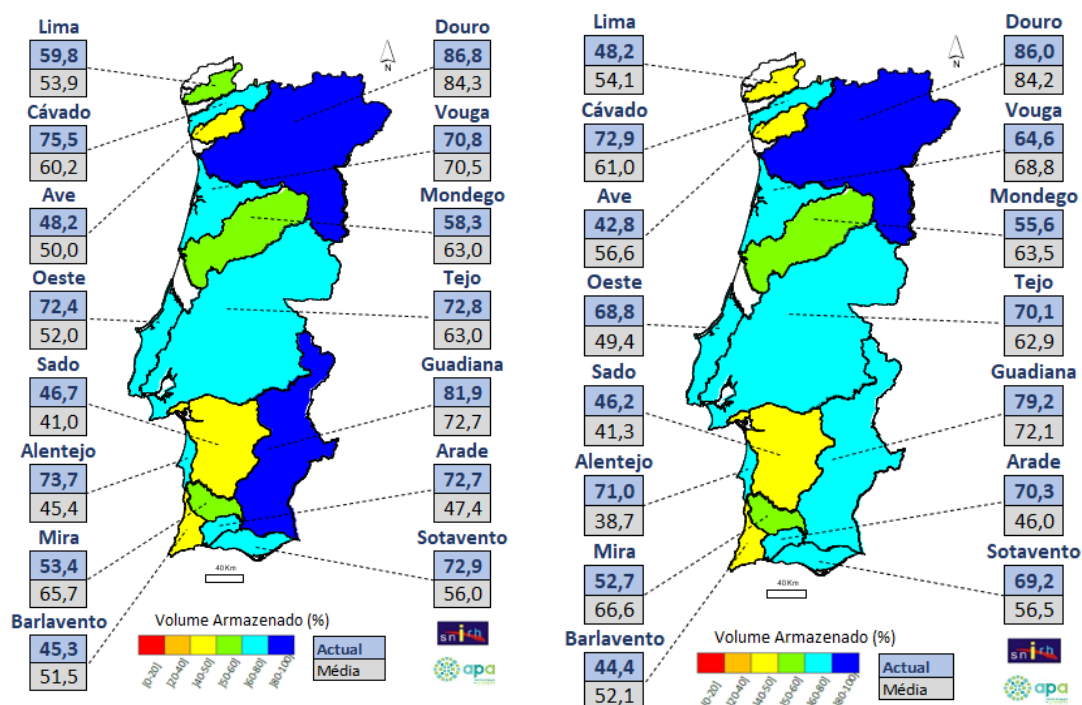


Figura 11 - Situação das albufeiras em setembro (esquerda) e em outubro de 2025 (direita)

(Fonte: APA)

Os armazenamentos em 31 de outubro de 2025 por bacia hidrográfica apresentam-se superiores às médias de armazenamento de referência para o mês de outubro (1990/91 a 2022/23), **com exceção** das bacias hidrográficas do Lima, do Ave, do Vouga, do Mondego, do Mira e das Ribeiras do Algarve (Barlavento).

Na Figura 12 é possível observar que as bacias hidrográficas estão acima dos valores observados em outubro de 2024, com exceção das bacias do Lima, do Cávado, do Ave, do Douro, do Vouga, do Mondego, das Ribeiras do Oeste e do Sado.

No entanto, continuam-se a destacar as situações onde esse afastamento é mais significativo:

- **Mira** - Armazenamento é inferior à média de referência, mas superior ao período homólogo em 2024;
- **Barlavento** - Armazenamento é inferior à média de referência, mas superior ao período homólogo em 2024.

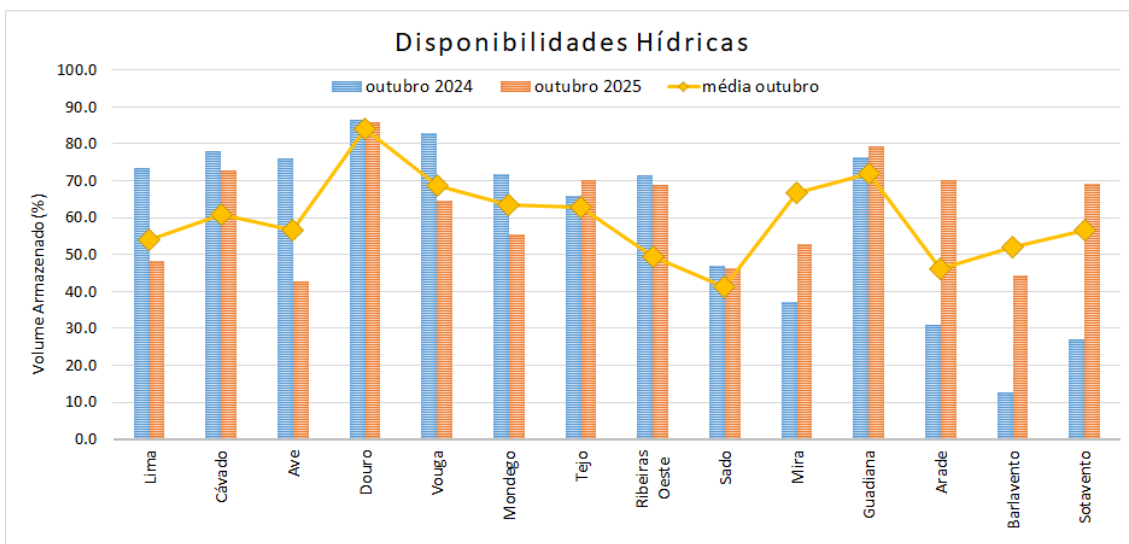


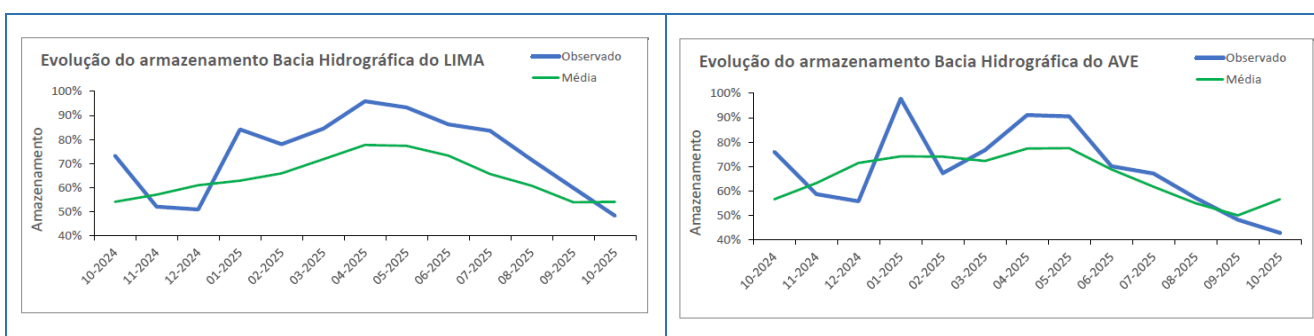
Figura 12 - Percentagem de volume total armazenado por bacia hidrográfica, em 31 de outubro de 2024 e de 2025 (Fonte: APA)

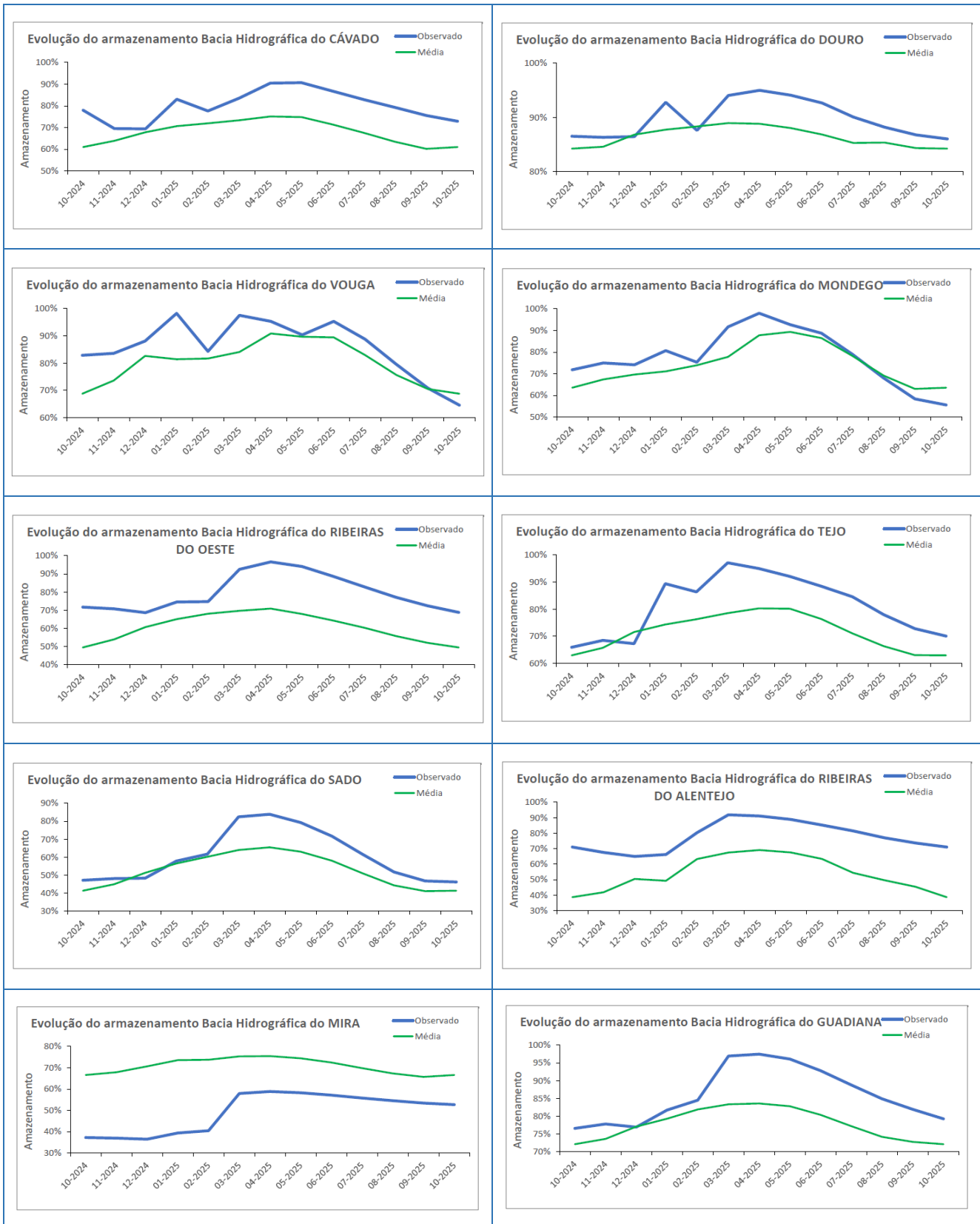
Das 80 albufeiras monitorizadas em 31 de outubro de 2025, 24 apresentam disponibilidades hídricas superiores a 80% do volume total e, cinco tem disponibilidades hídricas inferiores a 40% do volume total.

As albufeiras que apresentam volumes totais inferiores a 40% localizam-se:

- Bacia do Douro – Serra Serrada (14,6%);
- Bacia do Sado – Monte da Rocha (21,9%), Campilhas (32,6%) e Roxo (33,5%);
- Bacia do Guadiana – Vigia (31,4%).

Na Figura 13 é possível observar a evolução do volume armazenado por bacia hidrográfica desde outubro de 2023 até dia 31 do mês de outubro de 2025. Na bacia do **Mira** os volumes armazenados mantêm-se abaixo da média histórica; nas **Ribeiras do Algarve (Barlavento)** as reservas hídricas subiram significativamente quando comparadas com os anos anteriores, mas ainda abaixo dos valores médios históricos.





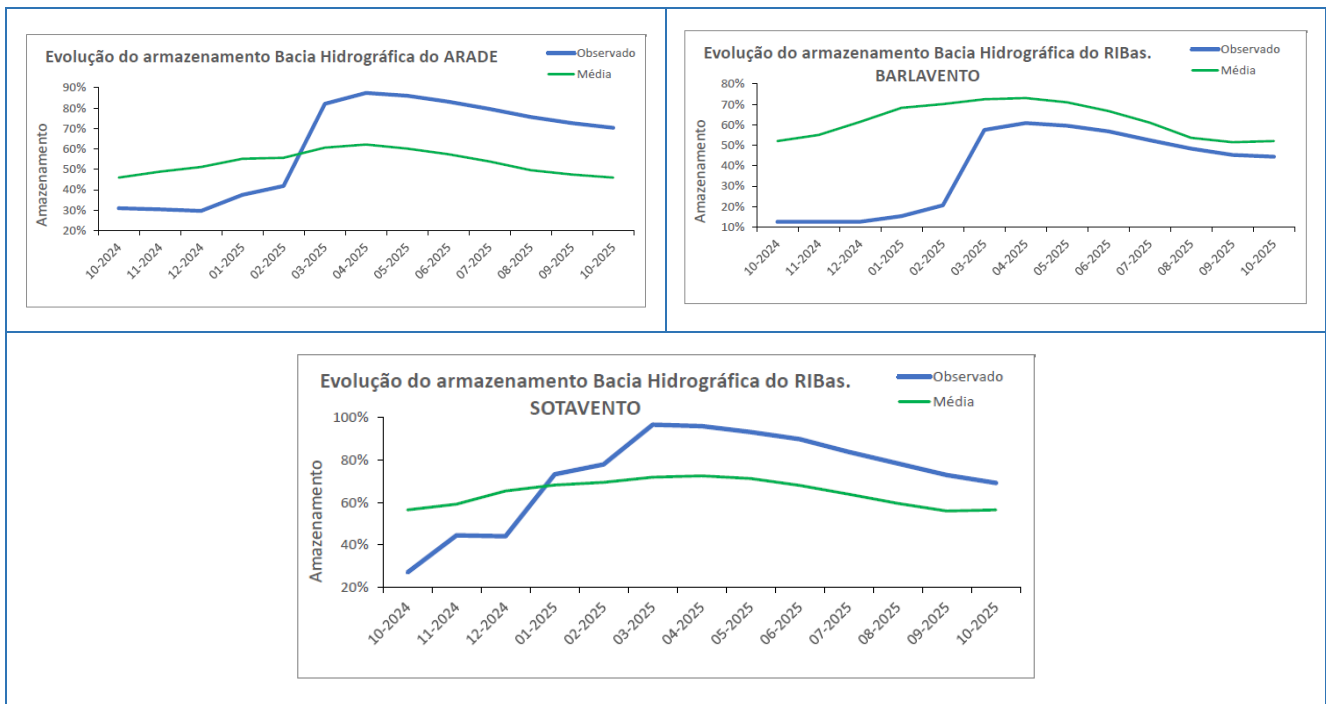


Figura 13 - Evolução do armazenamento desde outubro de 2023 até 31 de outubro de 2025, comparativamente à média (1990/91 a 2019/20) (Fonte: APA)

Pela relevância que assume na gestão dos recursos hídricos em Portugal, no que se refere às disponibilidades hídricas a 31 de outubro de 2025 armazenadas nas albufeiras na parte espanhola das bacias hidrográficas são:

- Bacias hidrográficas do **Minho e Lima Espanha** – 54,7% (em setembro era de 63,7%);
- Bacia hidrográfica do **Douro Espanha** – 52,7% (em setembro era de 57,0%);
- Bacia hidrográfica do **Tejo Espanha** – 56,9% (em setembro era de 61,6%);
- Bacia hidrográfica do **Guadiana Espanha** – 57,6% (em setembro era de 58,1%).

Os volumes totais armazenados nas bacias hidrográficas espanholas diminuiram ligeiramente.

3.1. Situação de Seca Hidrológica

De acordo com o índice de seca hidrológica referente a 31 de outubro de 2025, observa-se que a maioria das bacias hidrográficas do território continental apresenta condições normais a húmidas, com exceção de algumas regiões do centro e sul do país, onde se registam situações de seca fraca a moderada, Figura 14.

As bacias do Lima, do Ave, do Vouga e do Mondego evidenciam o nível de seca fraca a moderada. Importa referir que, os níveis de seca observados resultam essencialmente da gestão operacional das albufeiras, que visa garantir capacidade de armazenamento disponível para

acolher os volumes de precipitação previstos para o início de novembro. Esta gestão preventiva não reflete uma escassez efetiva de recursos hídricos, mas sim uma estratégia de otimização da capacidade das infraestruturas hidráulicas face às previsões meteorológicas.

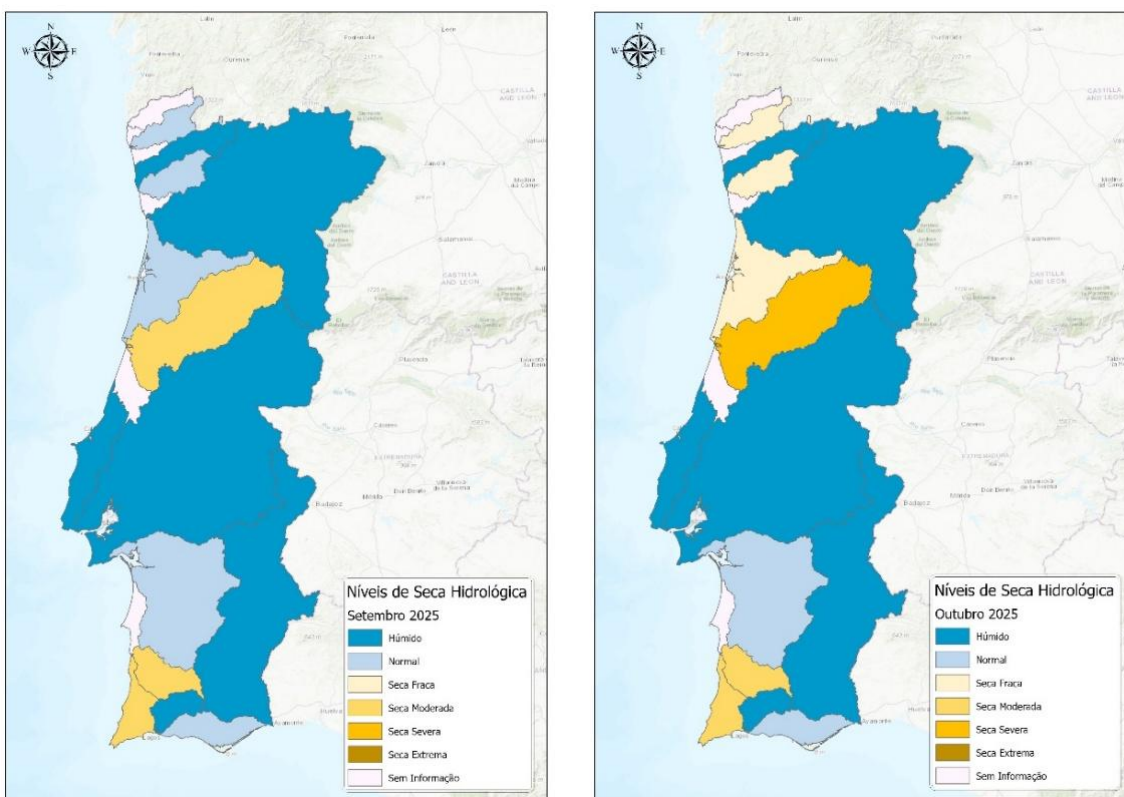
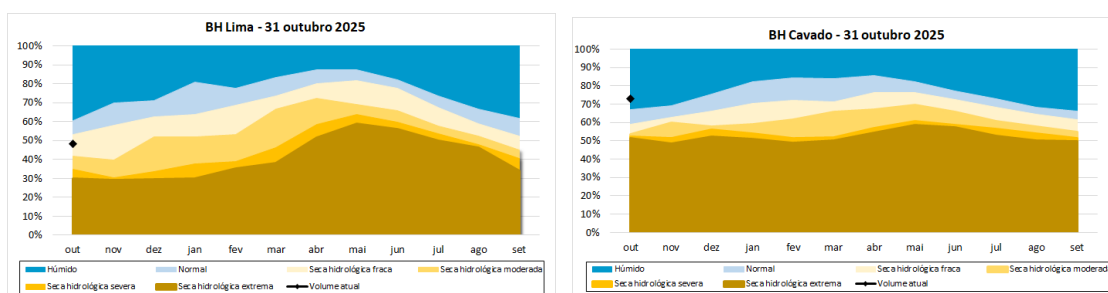


Figura 14 - Níveis de seca hidrológica no mês de setembro (esquerda) e em outubro de 2025 (direita)
(Fonte: APA)

Na avaliação da evolução do nível de seca hidrológica no início do ano hidrológico de 2025/26 pode observar-se que os volumes armazenados se mantiveram, Figura 15.



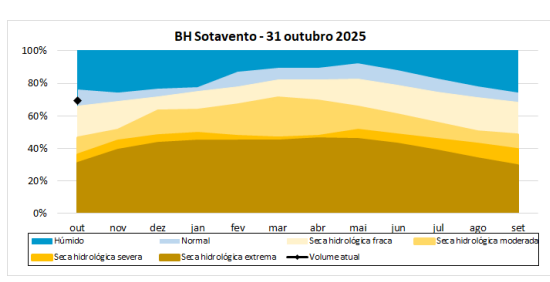
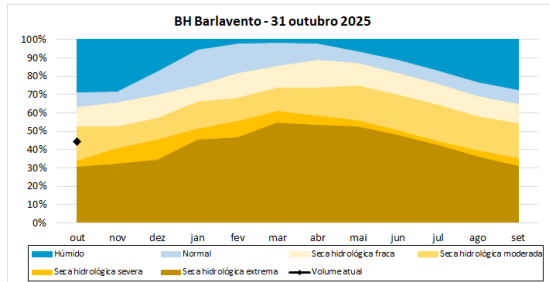
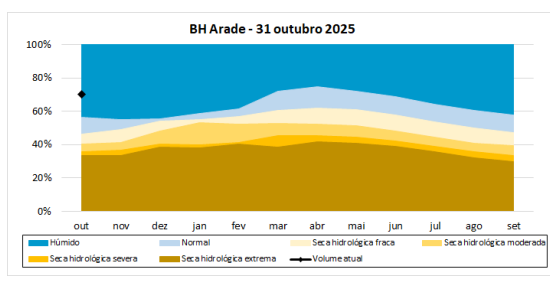
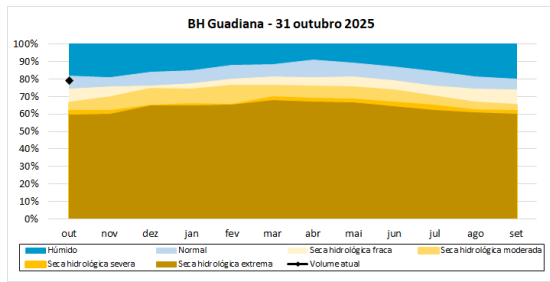
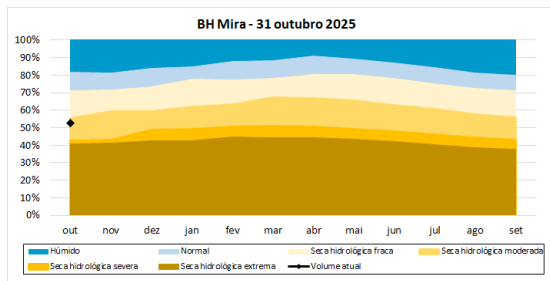
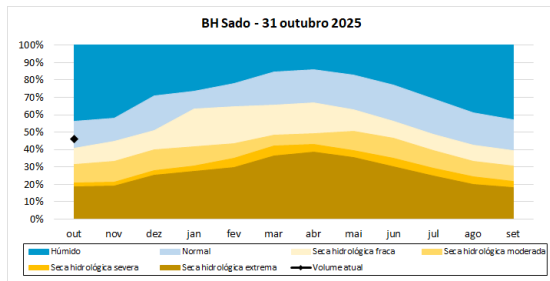
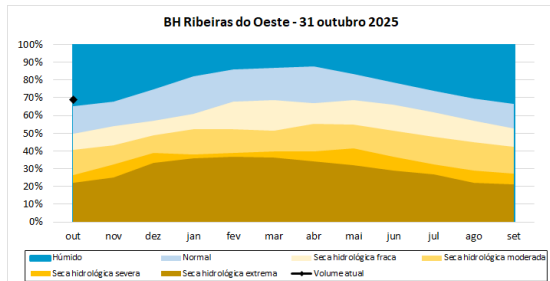
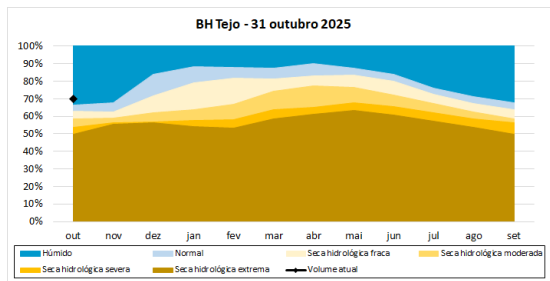
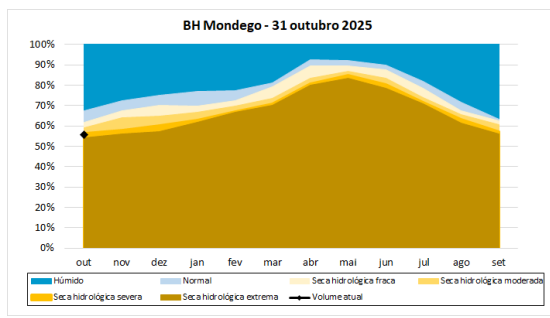
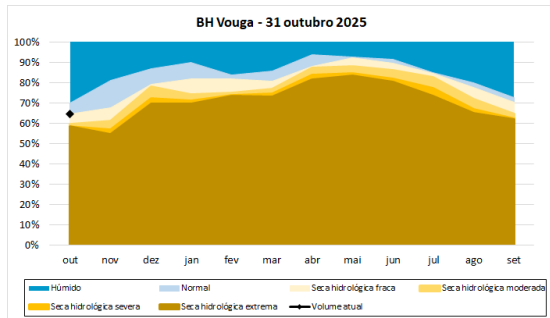
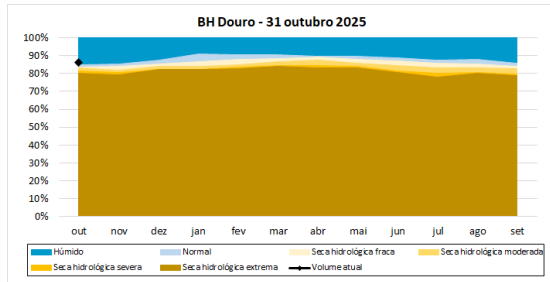
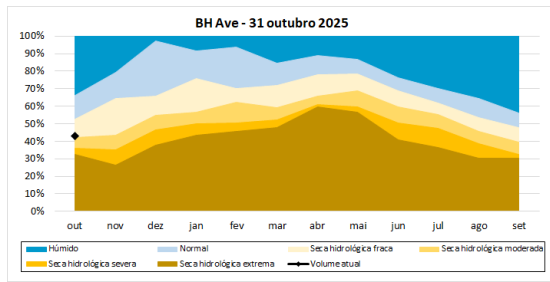


Figura 15 - Nível de armazenamento em outubro de 2025 e os níveis de alerta de seca hidrológica correspondentes a 31 de outubro (Fonte: APA)

3.2. Disponibilidades hídricas versus necessidades

Na albufeira do **Monte da Rocha**, na bacia do Sado e sem ligação ao Alqueva, os volumes armazenados estão baixos, mas permitem garantir o abastecimento público nos próximos dois anos, no total de 3 000 dam³. Na Figura 16 observa-se os volumes armazenados e a média, calculada para o período 1990/91 a 2023/24, que ilustra bem a situação crítica referida. A albufeira apresenta um volume de armazenamento total de 22 909 dam³. Considerando que o volume morto é de 5 000 dam³ o volume útil disponível a 31 de outubro é de 17 909 dam³.



Figura 16- Volumes armazenados desde outubro de 2025 e a média, na albufeira do Monte da Rocha (Fonte: APA)

Atendendo aos volumes armazenados até esta altura na albufeira do Monte da Rocha e com a obrigação de garantir o armazenamento do volume necessário para dois anos de abastecimento (cerca de 3 hm³), na área abastecida por esta albufeira no aproveitamento hidroagrícola do Alto Sado, considerou-se o cenário com um consumo de cerca de 60% dos valores médios captados entre 2012-2017 (cerca 10 hm³). Para este cenário a evolução dos níveis da albufeira são os representados na Figura 17, que ilustra a estimativa de variação dos volumes observados atendendo aos consumos simulados e tendo por base um cenário conservador, ou seja, sem precipitação significativa.

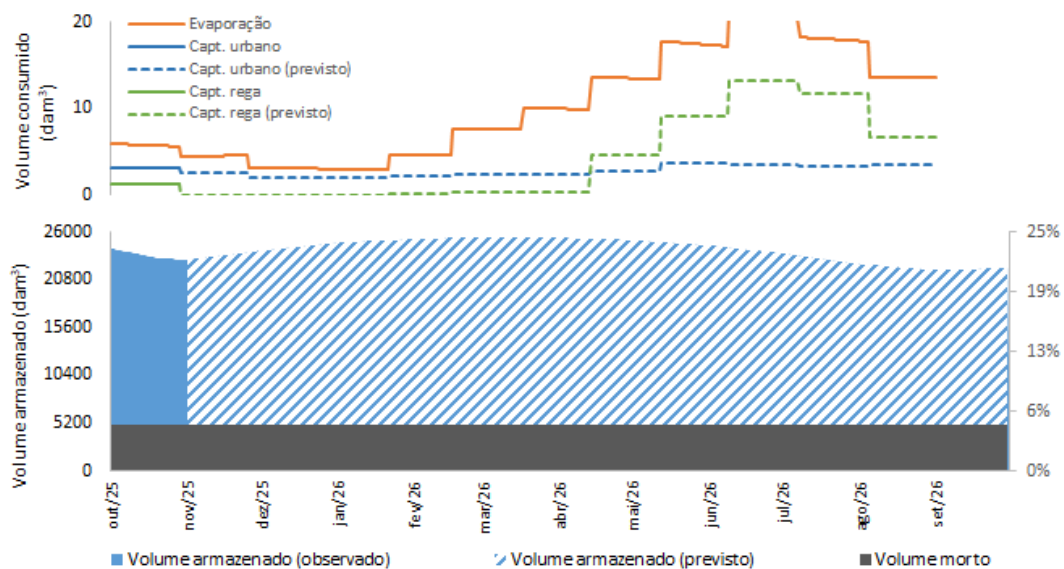


Figura 17 - Evolução prevista dos volumes armazenados na albufeira do Monte da Rocha considerando a estimativa dos consumos e evaporação até setembro de 2026 (Cenário sem precipitação significativa até ao final do ano). (Fonte: APA)

A albufeira da **Bravura** na bacia das Ribeiras do Algarve (Barlavento) face às intensas precipitações observadas recuperou significativamente, observando-se na Figura 18 o volume armazenado próximo à média, calculada para o período 1959/2024. A albufeira apresenta um volume total de armazenamento de 15 459 dam³, considerando que o volume morto é de 2 500 dam³, o volume útil disponível a 31 de outubro é de 12 959 dam³.



Figura 18 - Volumes armazenados desde outubro de 2025 e a média, na albufeira da Bravura (Fonte: APA).

Na Figura 19 ilustra-se a estimativa de variação dos volumes observados considerando valores de consumos semelhantes a 2019 e tendo por base um cenário conservador, ou seja, sem precipitação significativa.

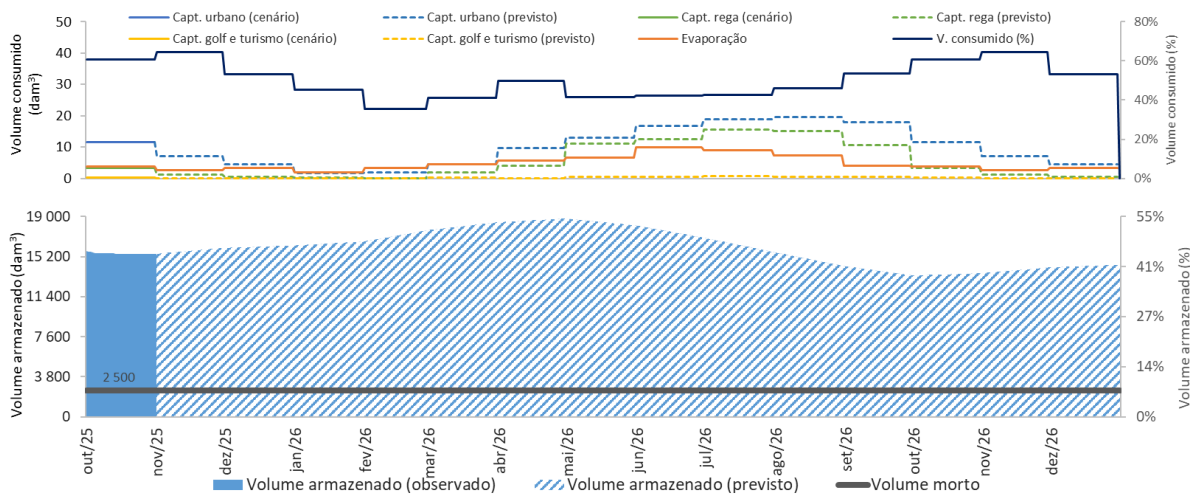


Figura 19- Evolução prevista dos volumes armazenados na albufeira da Bravura considerando a estimativa dos consumos e evaporação até setembro de 2025 (Cenário sem precipitação significativa até ao final do ano) (Fonte: APA)

Desde março de 2025, a albufeira de Santa Clara, localizada na bacia do Mira, apresenta volumes superiores ao Nível Mínimo de Exploração (NME), após ter utilizado, desde 2019, o volume armazenado abaixo desse nível. Em 2023 foram atingidos os níveis mais baixos de armazenamento total. O Acordo da Água assinado em março de 2023, entre a APA, DGADR, Águas Públicas do Alentejo, Associação Beneficiários do Mira e Câmara Municipal de Odemira, refere a necessidade de estabelecer compromissos dos principais utilizadores visando uma gestão sustentável da água no aproveitamento hidráulico, muito concretamente que, no prazo de cinco anos, seja possível recuperar um modelo de gestão sustentável à cota 116 m. Foi ainda acordado que até à cota 104 m a exploração seria feita para fins múltiplos e a partir desta cota e até à cota 102 m esse volume ficaria reservado para o abastecimento público. A cota da albufeira no final de outubro estava nos 115,54 m, Figura 20.

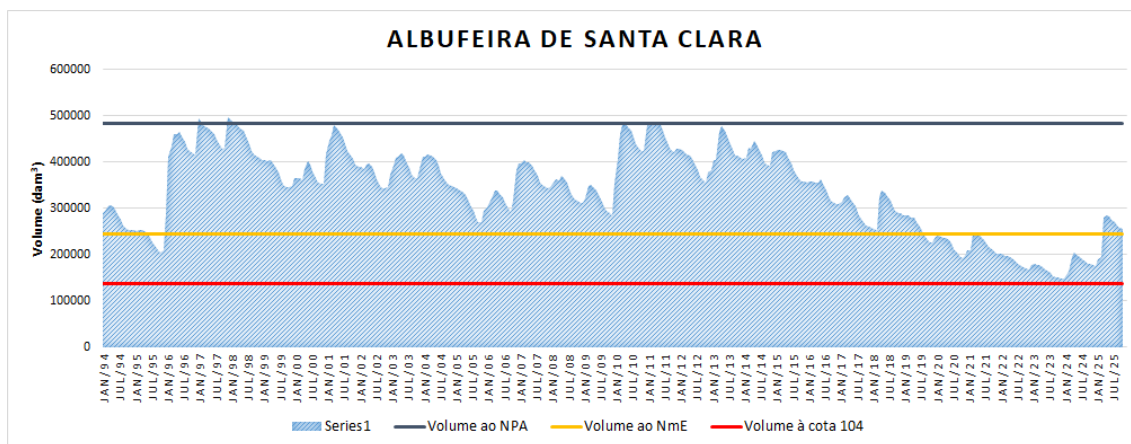


Figura 20 - Evolução dos volumes armazenados na albufeira de Santa Clara (31/01/1994 a 31/11/2025) (Fonte: APA)

Foram ainda definidas medidas para promover a eficiência da água no setor urbano em baixa (redução de 50% das perdas) e no setor agrícola (redução de 30% de perdas), bem como desenvolver o projeto que permita implementação de um novo sistema de captação na albufeira de Santa Clara, adução e tratamento de água para consumo humano dedicado, em substituição do atual com origem nos canais de rega.

Na região do Algarve os níveis de armazenamento nas seis albufeiras, com maior capacidade de regularização, recuperaram significativamente, Figura 21. A situação nesta região encontra-se próxima da normalidade para mês de outubro, face à intensa precipitação observada. Observou-se recuperação do volume armazenado nas albufeiras. Mantém-se as restrições de atribuição de novas captações subterrâneas nas massas de água em situação crítica atendendo à fraca recuperação dos aquíferos.

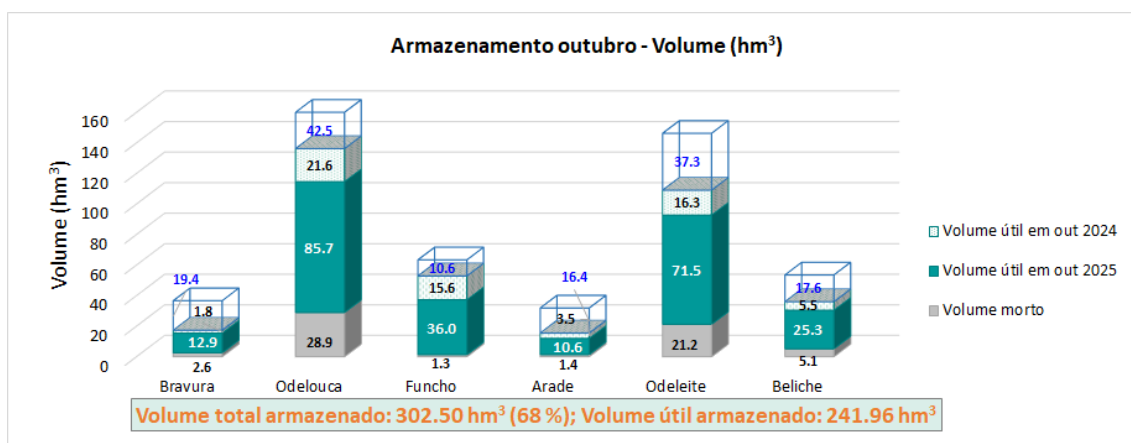


Figura 21 - Níveis de armazenamento nas seis albufeiras da Região do Algarve a 31 de outubro de 2025 e comparação com os valores de armazenamento observados a 31 de outubro de 2024 (Fonte: APA)

É importante continuar a implementar medidas de racionalização e de uma gestão com maior parcimónia da água, diminuindo drasticamente a captação de água natural e recorrer a origens alternativas, já que o seu custo será inferior aos custos associados de não haver água.

Águas Subterrâneas

4.1. Comparação com o mês anterior

No respeitante à evolução das reservas hídricas subterrâneas apresentam-se, seguidamente, os mapas de evolução dos níveis piezométricos correspondentes aos meses de setembro, do ano hidrológico 2024-2025 e outubro do ano hidrológico, Figura 22.

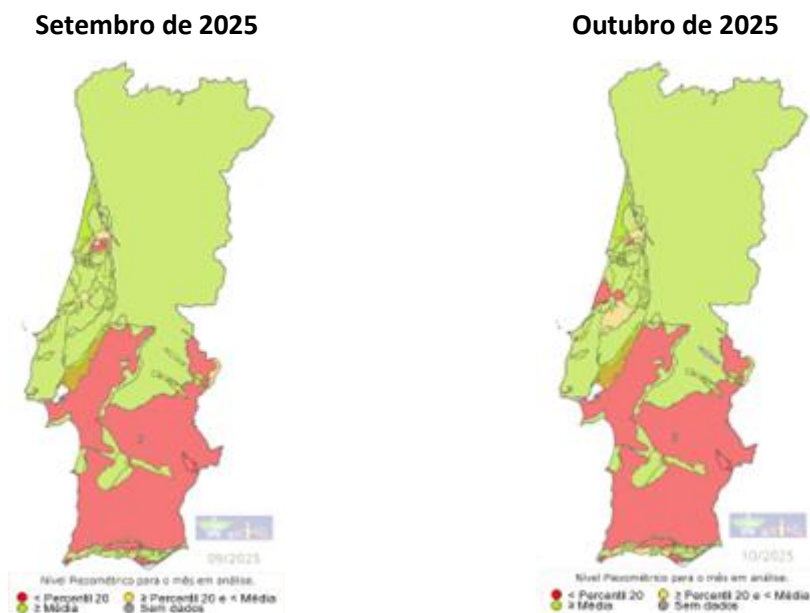


Figura 22 - Evolução das reservas hídricas subterrâneas entre setembro (esquerda) e outubro de 2025 (direita) (Fonte: APA).

Da análise dos mapas, e comparando o mês atual com o anterior, verifica-se que a situação se mantém, praticamente, inalterada. Continuam a observar-se situações preocupantes, em que os níveis continuam a apresentar valores, significativamente, inferiores à média. Encontram-se nesta situação as massas de água Moura-Ficalho, Bacia do Tejo-Sado/Margem Esquerda e algumas das que se situam na Orla Meridional.

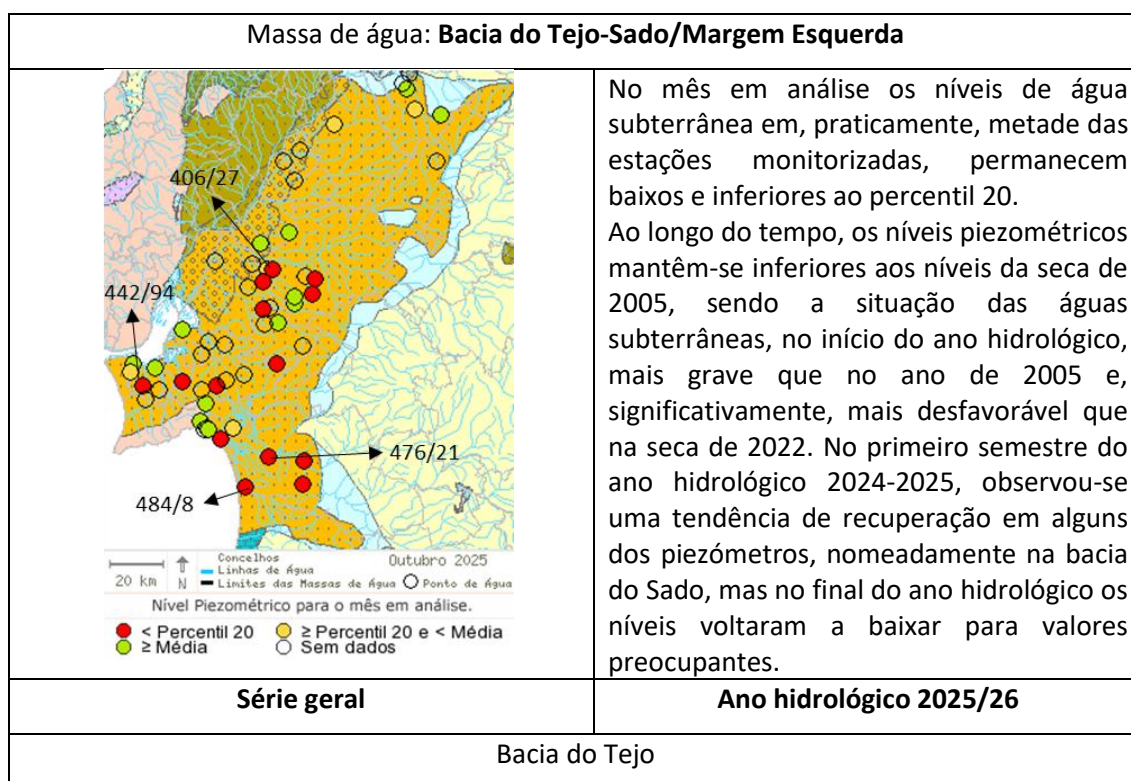
4.2. Análise dos níveis piezométricos

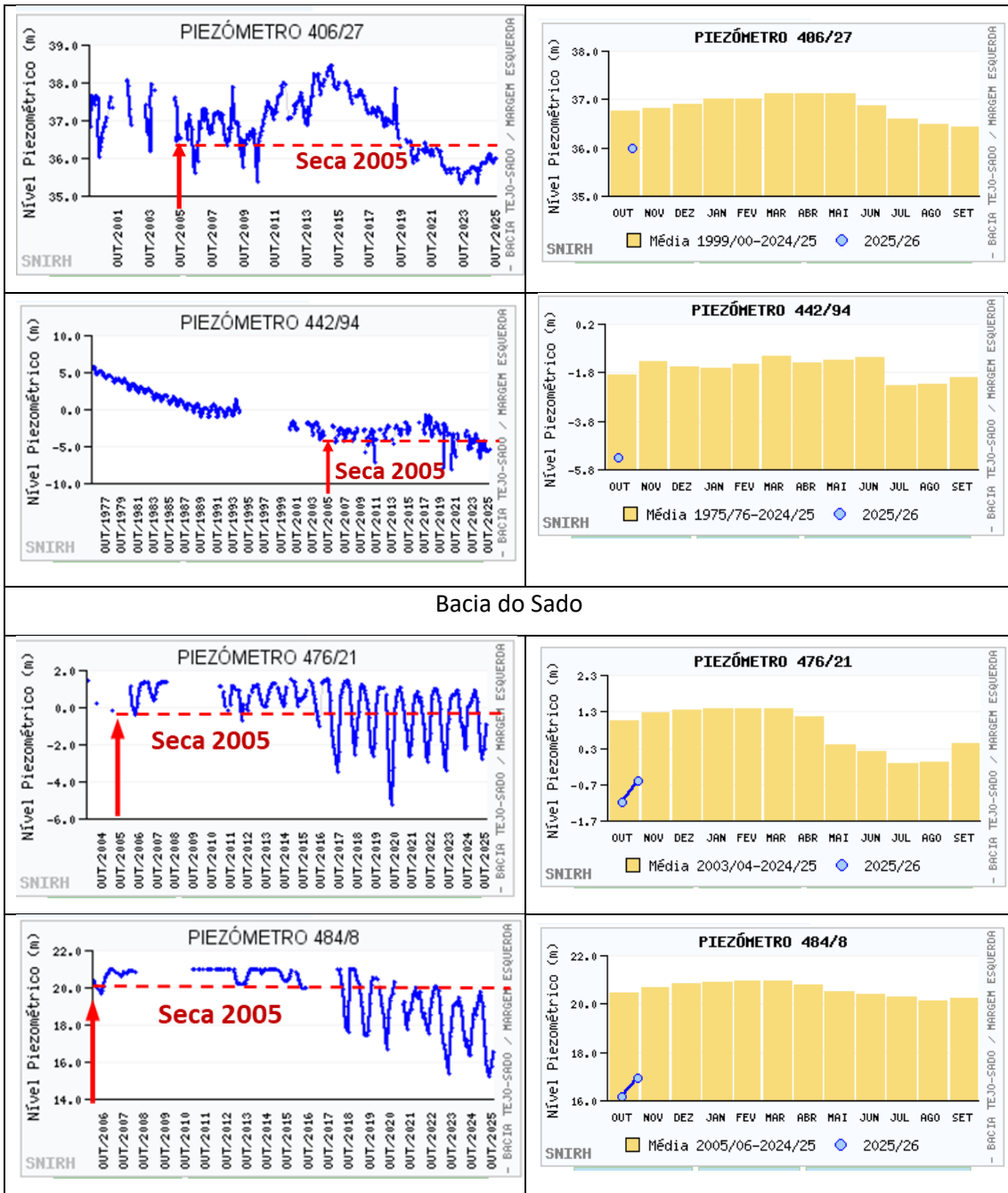
Atendendo aos dados disponíveis no mês de outubro de 2025, constata-se que os níveis piezométricos em **328 pontos observados em 57 massas de água subterrânea** se apresentam, na generalidade, superiores às médias mensais. No entanto, nas seguintes massas de água, os níveis piezométricos encontram-se significativamente inferiores aos valores médios mensais:

Região Hidrográfica	Massa de Água
Vouga, Mondego e Lis	Ançã - Cantanhede Pousos - Caranguejeira

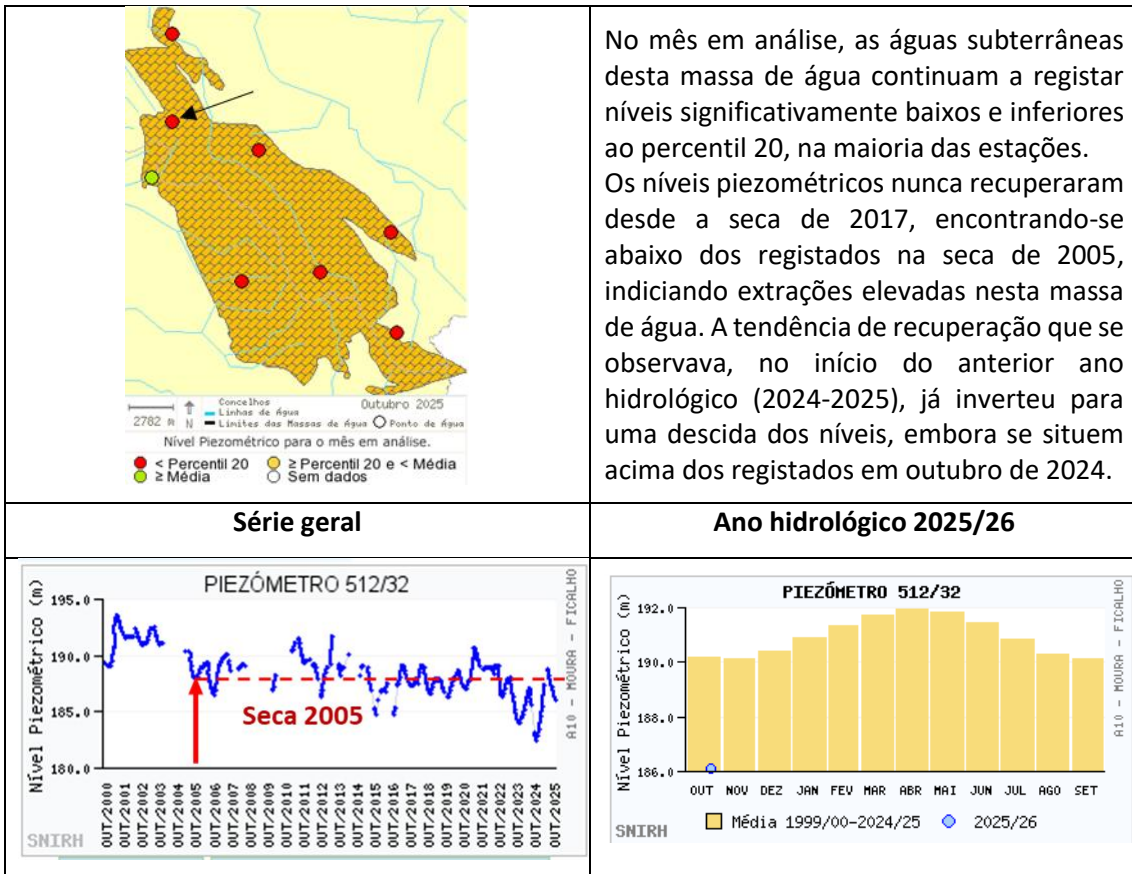
Região Hidrográfica	Massa de Água
	Vieira de Leiria – Marinha Grande
Tejo e Ribeiras do Oeste	Bacia do Tejo-Sado / Margem Esquerda Maceira Paço
Sado e Mira	Maciço Antigo Indiferenciado do Sul
Guadiana	Maciço Antigo Indiferenciado do Sul Moura – Ficalho
Ribeiras do Algarve	Campina de Faro Covões Querença – Silves

Apresenta-se, seguidamente, um detalhe da evolução dos níveis de água subterrânea nas massas de água que merecem maior preocupação. Destacam-se, para o mês em análise, as massas de água da Bacia do Tejo-Sado/Margem Esquerda (bacia do Tejo e Sado), Moura-Ficalho (bacia do Guadiana), Querença-Silves e Campina de Faro (bacia das ribeiras do Algarve), onde os níveis de água subterrânea, apesar de revelarem indícios de recuperação, registam-se ainda baixos face ao impacte das extrações existentes nas mesmas e dos níveis se encontrarem profundos nos últimos anos. Importa, ainda, referir que os níveis de água subterrânea do mês em análise são comparados com o nível registado durante a seca de 2005, considerada, até ao momento, o período de seca mais severa.

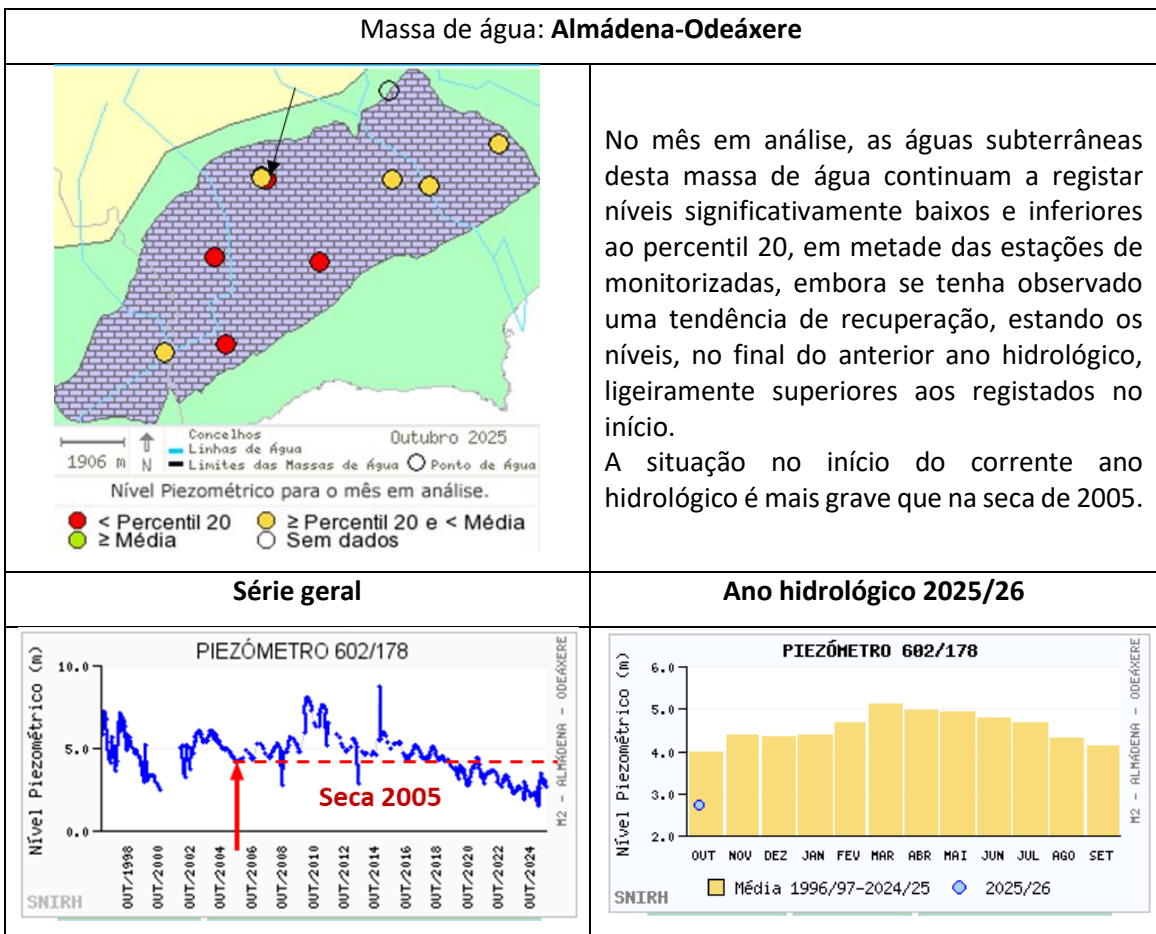




Massa de água: **Moura-Ficalho**

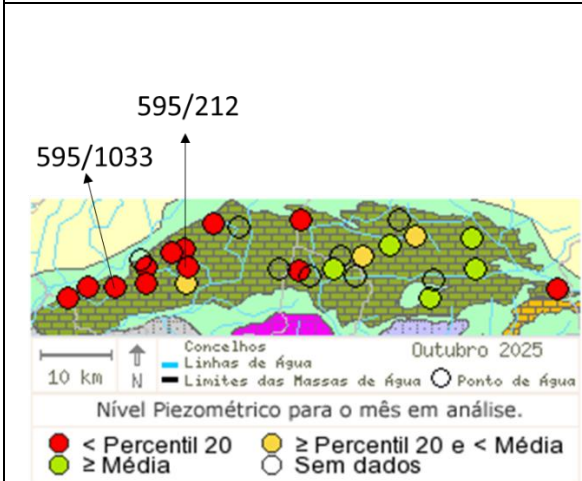


No mês em análise, as águas subterrâneas desta massa de água continuam a registar níveis significativamente baixos e inferiores ao percentil 20, na maioria das estações. Os níveis piezométricos nunca recuperaram desde a seca de 2017, encontrando-se abaixo dos registados na seca de 2005, iniciando extrações elevadas nesta massa de água. A tendência de recuperação que se observava, no início do anterior ano hidrológico (2024-2025), já inverteu para uma descida dos níveis, embora se situem acima dos registados em outubro de 2024.



No mês em análise, as águas subterrâneas desta massa de água continuam a registar níveis significativamente baixos e inferiores ao percentil 20, em metade das estações de monitorizadas, embora se tenha observado uma tendência de recuperação, estando os níveis, no final do anterior ano hidrológico, ligeiramente superiores aos registados no início. A situação no início do corrente ano hidrológico é mais grave que na seca de 2005.

Massa de água: **Querença-Silves**

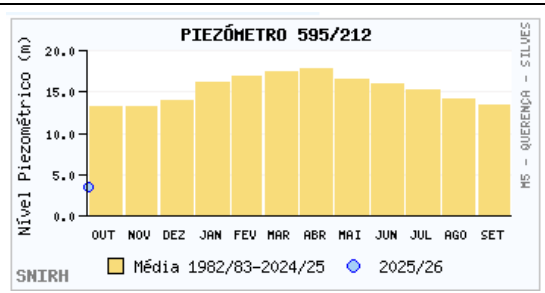
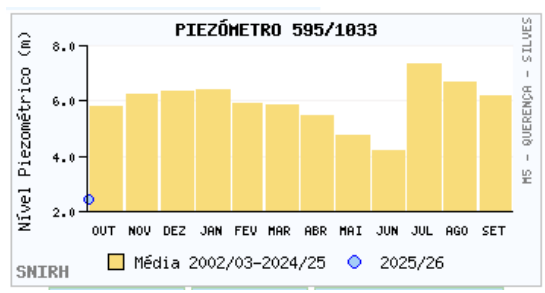
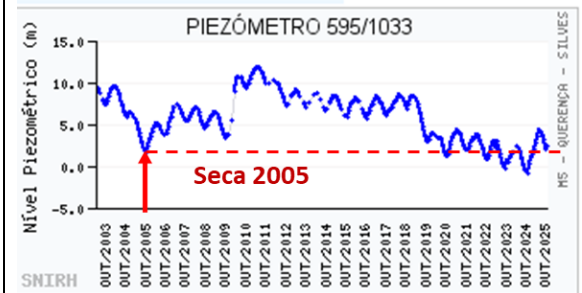


No mês de outubro, as águas subterrâneas desta massa de água continuam a registar níveis significativamente baixos e inferiores ao percentil 20 na zona oeste, de descarga. As zonas este e central continuam a apresentar indícios de recuperação, resultantes dos eventos pluviosos que ocorreram durante os dois anteriores anos hidrológicos, bem como por serem zonas com menor extração, em relação ao outro setor.

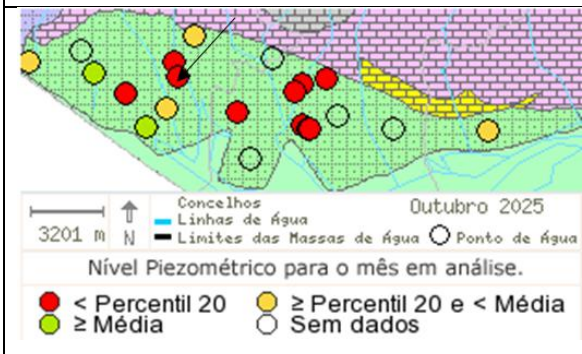
A situação no início do ano hidrológico é, ligeiramente, mais favorável que na seca de 2005, embora se verifique que a tendência de recuperação, que se observou durante o ano hidrológico anterior, já tenha invertido, para uma descida dos níveis.

Série geral

Ano hidrológico 2025/26



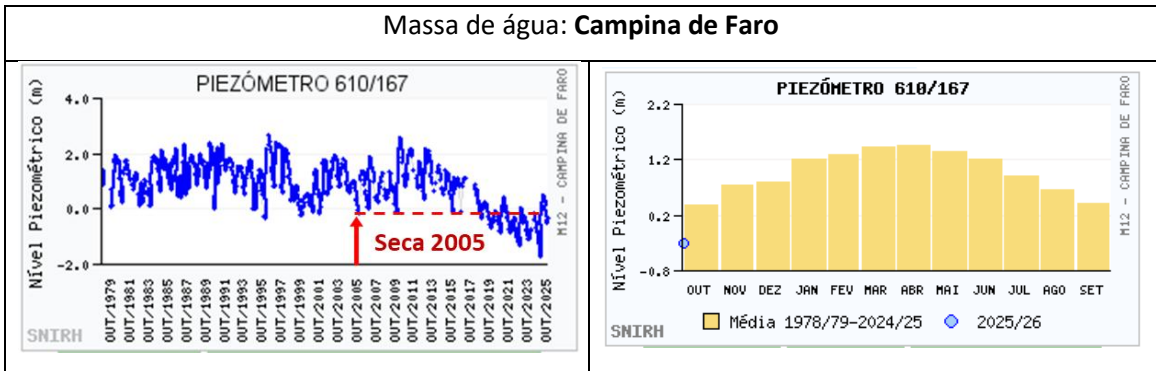
Massa de água: **Campina de Faro**



As águas subterrâneas desta massa de água continuam a registar níveis significativamente baixos e inferiores ao percentil 20 no mês em análise. A recuperação que se observou, no setor oeste, em que os níveis se aproximaram do nível médio da água do mar, já está com tendência de inversão. Contudo, a situação, no início do corrente ano hidrológico, é mais favorável do que no início do ano anterior.

Série geral

Ano hidrológico 2025/26



4.3. Massas de água em situação crítica

Face à evolução dos níveis piezométricos a nível nacional, considera-se que existe um grupo de massas de água que devem ser colocadas em situação crítica, pois desde o início do ano hidrológico 2018-2019 que registam níveis muito baixos, continuando sem recuperar. Estas situações dizem respeito a massas de água onde persistem, ao longo de vários meses, e mesmo anos em alguns casos, níveis inferiores ao percentil 20, pelo que urge continuar a aplicação de medidas preconizadas no âmbito da seca. Neste contexto, as massas de água em situação crítica são as seguintes:

Região Hidrográfica	Massa de Água
Vouga, Mondego e Lis	Pousos – Caranguejeira
Tejo e Ribeiras do Oeste	Bacia do Tejo-Sado / Margem Esquerda Pisões – Atrozela
Guadiana	Moura-Ficalho
Ribeiras do Algarve	Albufeira - Ribeira de Quarteira Almádena – Odeáxere Campina de Faro – Subsistema Faro Campina de Faro – Subsistema Vale de Lobo Covões Malhão Quarteira Querença - Silves

Face ao mês anterior, setembro de 2025, há alteração na lista das massas de água em situação crítica em que a massa de água Ourém passa para vigilância.

4.4. Massas de água em vigilância

Atendendo a que os eventos pluviosos, ao longo dos dois anteriores anos hidrológicos, ainda não se refletiram na recarga de diversas massas de água, permanecem algumas em **vigilância**, isto é, que merecem especial atenção, nomeadamente:

- **Todas as MA das Bacias do Guadiana, Sado, Mira e das Ribeiras do Algarve, exceto as que se encontram em situação crítica;**

- Ourém (bacia do Tejo);
- Vieira de Leiria – Marinha Grande (bacia do Lis).

Considera-se que as massas de água acima identificadas, ou as massas de água que nos últimos meses registam níveis de água subterrânea baixos, devem permanecer em vigilância, em especial nas bacias hidrográficas do Alentejo e Algarve. Comparando com o mês anterior, há alteração na lista das massas de água em vigilância, em que entrou Ourém.

4.5. Apreciação geral

Durante o ano hidrológico de 2024-2025 e, tendo em conta a precipitação que ocorreu nos meses de janeiro, março e abril, algumas massas de água subterrânea registaram uma melhoria nos níveis piezométricos, mas verificou-se que, no final do ano hidrológico passado, em algumas delas se começou a observar uma tendência de descida, atendendo a que as extrações se mantêm.

Com o início deste novo ano hidrológico, observa-se, ainda, que as massas de água em situação crítica ou em vigilância, na sua generalidade, nunca conseguiram recuperar ou começando a registar indícios de recuperação, não obstante os eventos pluviosos ocorridos ao longo do passado ano hidrológico, continuam, contudo, a registar níveis significativamente baixos.

De referir que **a situação mais preocupante se mantém nas massas de água Bacia do Tejo-Sado /Margem Esquerda, Moura-Ficalho e em algumas da região do Algarve**, que se encontram em situação crítica, devendo permanecer assim até que ocorra uma recarga eficaz, atendendo a que os níveis de água subterrânea permanecem muito baixos, não obstante haver indícios de recuperação. Em algumas delas, os níveis encontram-se próximo do nível médio da água do mar, ou mesmo inferior, podendo conduzir a situações de intrusão salina.

Reservas de água nas albufeiras de aproveitamento hidroagrícola

A disponibilização de informação por parte da DGADR, reflete a preocupação crescente deste organismo, enquanto Autoridade Nacional de Regadio, em fornecer um conteúdo informativo mais abrangente, sobre os volumes totais e úteis armazenados nas albufeiras e compará-los com as necessidades em água associadas às campanhas de rega nos diversos aproveitamentos. Os volumes apresentados possibilitam prever se a campanha de cada ano irá ocorrer normalmente ou, se pelo contrário, são antecipadas dificuldades que, segundo a sua gravidade, determinem a tomada de medidas tendentes a diminuir o consumo de água para os vários usos, nomeadamente no regadio. As albufeiras monitorizadas e avaliadas pela DGADR, que incluem empreendimentos de fins múltiplos e equiparados, estão identificadas na Figura 23.



Figura 23 - Localização das albufeiras monitorizados pela DGADR (Fonte: DGADR)

Os armazenamentos registados no final de outubro nas albufeiras monitorizados pela Direção-Geral de Agricultura e Desenvolvimento Rural (DGADR), estão indicados na tabela X. Nesta

tabela apresentam-se, também, as tendências evolutivas dos armazenamentos, em relação ao final do mês anterior, e as previsões para a campanha de rega (<http://sir.dgadr.gov.pt/reservas>).

Tabela 3 - Armazenamentos nas albufeiras em março, com tendências evolutivas e previsões para a campanha (Sistema de Informação do Regadio – SIR, <http://sir.dgadr.gov.pt/reservas>)

DISPONIBILIDADES HÍDRICAS					GESTÃO DA CAMPANHA DE REGA						
Origem	Bacia	Cola (m)	Volume Total na Albufeira (hm ³)	Evolução Mensal (%)	Aproveitamento	Necessidade da Campanha (hm ³)	Volume Útil Disponível (hm ³)	Estado da Campanha	Volume Consumido e Executado (hm ³) (%)	Previsão para a Campanha 2025 (Nível de Contingência)	
NORTE					NORTE						
Estevelhina	Douro	623,75	1,058	44%	Alfândega da Fé	1,000	0,758	Em Execução	0,532	53%	Campanha assegurada a 76%
Burga	Douro	322,75	0,680	44%	Vale do Vilarça	1,200	0,580	Em Execução	0,780	65%	Campanha assegurada a 48%
Santa Justa	Douro	254,80	2,410	49%	Vale da Vilarça	1,900	1,657	Em Execução	0,892	47%	Campanha assegurada a 87%
Salgueiro	Douro	221,50	1,710	93%	Vale do Vilarça	0,300	1,560	Em Execução	0,000	0%	Campanha assegurada a 100%
Ribeira Grande e Arco	Douro	183,10	3,970	44%	Vale da Vilarça	1,900	2,327	Em Execução	1,697	89%	Campanha assegurada a 100%
Vale Madeiro	Douro	286,50	0,910	40%	Vale Madeiro	0,900	0,823	Em Execução	0,522	58%	Campanha assegurada a 91%
Arcassá	Douro	525,40	1,640	34%	Velga de Chaves	3,300	1,453	Em Execução	2,582	78%	Campanha assegurada a 44%
Rega do Milho	Douro	451,20	1,290	44%	Rega do Milho	0,500	1,167	Em Execução	0,542	100%	Campanha assegurada a 100%
Armamar	Douro	748,35	1,420	49%	Têmilobos	1,300	1,337	Em Execução	1,058	81%	Campanha assegurada a 100%
Azilbo	Douro	599,30	44,209	81%	Macedo de Cavaleiros	4,000	36,409	Em Execução	0,119	3%	Campanha assegurada a 100%
Gastel	Douro	753,10	0,770	57%	Gastel	2,700	8,242	Em Execução	3,504	100%	Campanha assegurada a 100%
Prada	Douro	929,70	0,170	48%	Prada	0,163	0,160	Em Execução	0,067	41%	Campanha assegurada a 98%
Caralha	Douro	403,20	0,510	44%	Caralha	0,316	0,500	Em Execução	0,239	75%	Campanha assegurada a 100%
Matos	Douro	796,80	0,190	53%	Matos	0,260	0,180	Em Execução	0,140	52%	Campanha assegurada a 69%
Camba	Douro	615,59	0,670	41%	Camba	0,750	0,640	Em Execução	0,363	48%	Campanha assegurada a 85%
Burgães	Vouga	--	--	--	Burgães	--	--	--	--	--	--
CENTRO					CENTRO						
Subugal	Douro	784,00	80,024	70%	Cova da Beira	50,000	76,124	Em Execução	31,114	62%	Campanha assegurada a 100%
Meimoa	Douro	563,40	28,359	49%	Cova da Beira	15,000	14,459	Em Execução	8,424	56%	Campanha assegurada a 96%
Agulheira	Mondego	113,60	244,000	58%	Bata Mondego	114,000	37,000	Em Execução	136,185	100%	Campanha assegurada a 32%
Marechal Carmona	Tejo	248,69	40,860	82%	Idanha	40,000	40,060	Em Execução	33,324	100%	Campanha assegurada a 100%
Parcão	Vouga	102,80	0,088	84%	Ribeira do Parcão	0,040	0,084	Em Execução	0,043	100%	Campanha assegurada a 100%
Vermiosa	Douro	682,96	1,251	57%	Vermiosa	0,800	1,201	Em Execução	0,962	100%	Campanha assegurada a 100%
Macleira	Mondego	141,90	0,747	79%	Ribeiras Fregas e Mortágua	0,500	0,721	Em Execução	0,201	40%	Campanha assegurada a 100%
Pereiras	Vouga	475,46	0,011	9%	Pereiras	0,020	0,007	Em Execução	0,109	100%	Campanha assegurada a 9%
Bouça-Cova	Douro	573,08	2,800	58%	Cereja	3,000	2,617	Em Execução	1,819	61%	Campanha assegurada a 87%
Alfaiates	Douro	788,71	0,444	52%	Alfaiates	0,152	0,240	Em Execução	0,365	87%	Campanha assegurada a 57%
Açafal	Tejo	108,59	1,092	43%	Açafal	0,800	1,092	Em Execução	0,570	71%	Campanha assegurada a 100%
Coutados/Tamujais	Tejo	125,24	1,819	49%	Coutados/Tamujais	1,985	1,228	Em Execução	2,182	100%	Campanha assegurada a 62%
Calde	Vouga	545,49	0,476	81%	Várzea de Calde	0,150	0,443	Em Execução	0,137	91%	Campanha assegurada a 100%
Maqueija	Tejo	353,12	0,124	93%	Maqueija	0,050	0,124	Em Execução	0,030	61%	Campanha assegurada a 100%
LISBOA E VALE TO TEJO					DRAP LISBOA E VALE TO TEJO						
Alvarimã	Rib. Oeste	97,80	0,204	30%	Alvarimã	0,500	0,174	Em Execução	0,105	21%	Campanha assegurada a 33%
Caril	Tejo	90,11	1,599	59%	Caril	0,700	1,249	Em Execução	1,006	100%	Campanha assegurada a 100%
Óbidos	Rib. Oeste	29,40	3,350	59%	Óbidos	--	--	--	--	--	--
ALENTEJO					ALENTEJO						
Divar	Tejo	259,66	8,252	49%	Divar	2,700	8,242	Em Execução	3,504	63%	Campanha assegurada a 100%
Magos	Tejo	14,42	1,600	49%	Magos	2,500	1,216	Em Execução	1,724	69%	Campanha assegurada a 49%
Maranhão	Tejo	123,97	114,290	57%	Vale do Somaia	94,010	91,790	Em Execução	85,067	90%	Campanha assegurada a 98%
Minutos	Tejo	257,60	24,540	49%	Minutos	10,000	22,440	Em Execução	9,072	91%	Campanha assegurada a 100%
Montargil	Tejo	75,89	103,226	43%	Vale do Somaia	78,500	81,626	Em Execução	55,729	71%	Campanha assegurada a 100%
Velos	Tejo	265,67	6,374	43%	Velos	3,700	5,264	Em Execução	3,383	91%	Campanha assegurada a 100%
Alvão	Sado	193,03	80,996	41%	--	--	78,496	--	--	--	--
Camplilhas	Sado	101,19	8,839	33%	Camplilhas e Alto Sado	15,000	7,839	Em Execução	7,532	50%	Campanha assegurada a 52%
Fonte Seme	Sado	76,34	3,370	45%	Camplilhas e Alto Sado	2,000	1,870	Em Execução	1,294	65%	Campanha assegurada a 94%
Miguelis	Sado	154,29	0,497	53%	Camplilhas e Alto Sado	0,800	0,383	Em Execução	0,392	49%	Campanha assegurada a 48%
Monte Gato	Sado	178,39	0,441	44%	Camplilhas e Alto Sado	0,400	0,383	Em Execução	0,184	31%	Campanha assegurada a 44%
Monte de Rocha	Sado	124,20	22,880	22%	Camplilhas e Alto Sado	25,000	17,880	Em Execução	11,872	47%	Campanha assegurada a 72%
Odivelas	Sado	97,42	52,740	55%	Odivelas	44,000	26,740	Em Execução	41,022	93%	Campanha assegurada a 61%
Fege do Alto	Sado	44,07	49,392	53%	Vale do Sado	50,000	48,992	Em Execução	41,215	82%	Campanha assegurada a 98%
Raso	Sado	129,40	32,265	34%	Raso	30,000	25,465	Em Execução	47,763	94%	Campanha assegurada a 51%
Vale do Gato	Sado	34,08	32,500	59%	Vale do Sado	35,000	24,500	Em Execução	28,609	82%	Campanha assegurada a 70%
Corte Brinqu	Mira	133,63	1,464	70%	Mira	1,000	1,291	Em Execução	0,094	9%	Campanha assegurada a 100%
Santa Clara	Mira	115,54	254,889	53%	Mira	50,000	10,189	Em Execução	7,980	16%	Campanha assegurada a 20%
Albarrim	Guadiana	248,60	11,803	58%	--	--	10,603	--	--	--	--
Alqueva	Guadiana	148,69	3471,854	84%	EMA	430,000	2471,854	Em Execução	482,452	89%	Campanha assegurada a 100%
Lucetecil	Guadiana	178,58	5,255	54%	Lucetecil	6,000	4,653	Em Execução	4,455	74%	Campanha assegurada a 78%
Calo	Guadiana	229,80	140,250	52%	Calo	40,000	129,550	Em Execução	48,094	100%	Campanha assegurada a 100%
Vigia	Guadiana	217,84	5,260	31%	Vigia	8,200	4,114	Em Execução	10,266	100%	Campanha assegurada a 50%
Apartaduro	Tejo	591,02	5,250	75%	Marvão-Apartaduro	2,000	4,765	Em Execução	1,454	73%	Campanha assegurada a 100%
ALGARVE					ALGARVE						
Beliche	Guadiana	45,49	30,437	43%	Solvente Algarvio	19,000	30,037	Em Execução	9,828	52%	Campanha assegurada a 100%
Odelella	Guadiana	45,52	92,716	71%	Solvente Algarvio	35,000	79,716	Em Execução	20,891	60%	Campanha assegurada a 100%
Bravara	Odelella	75,35	15,479	44%	Alvor	3,260	12,914	Em Execução	4,464	100%	Campanha assegurada a 100%
Arade (Silves)	Arade	49,50	11,970	42%	Silves Logoa e Portimão	15,000	10,325	Em Execução	7,027	47%	Campanha assegurada a 69%
Funcho	Arade	92,85	37,290	78%	--	--	32,320	--	--	--	--
Odeouca	Arade	95,88	114,63	73%	--	--	85,688	--	--	--	--
Malhada do Peres	Rib. Algarve	60,80	0,28	41%	Malhada do Peres	0,200	0,280	Em Execução	0,156	78%	Campanha assegurada a 100%
Pessegueiro	Guadiana	237,68	0,21	70%	Pessegueiro	0,100	0,160	Em Execução	0,076	49%	Campanha assegurada a 100%

Níveis de contingência:
 Nível 0 - Déficit hídrico reduzido ou inexistente
 Nível 1 - Déficit hídrico pouco significativo
 Nível 2 - Déficit hídrico significativo (restrições)
 Nível 3 - Déficit hídrico relevante (esgotamento)

Notas:
 1 Captação direta em rio ou ribeira
 2 Captação Subterrânea
 3 Restrições ao Enchimento - RSB

Evolução Semanal:
 NPA - Pieno Armazenamento
 ↑ Subida de Nível
 ↔ Manutenção de Nível
 ↓ Descida de Nível

Observações complementares:
 Perdas por evaporação baseadas em observações evaporimétricas específicas (Anúrios dos Serviços Hidráulicos, DGRAH, 1979)

5.1. Análise aos dados hidrométricos

Neste mês verificou-se uma tendência de descida na evolução dos volumes armazenados nas albufeiras, havendo 8 a subir, 50 a descer e 7 sem alteração, parte destas últimas na sua capacidade total.

A norte de Portugal (que inclui a bacia hidrográfica do Tejo), as albufeiras tiveram uma variação do volume armazenado entre -12,5% (Óbidos) e 24,5% (Camba).

A sul de Portugal existiu uma variação do volume compreendida entre -6,5% (Vigia) e 2,1% (Odivelas).

A entidade gestora da Barragem de Burgães não comunicou dados e a análise estatística não a contempla.

No final do mês, 14 das albufeiras hidroagrícolas tinham armazenamentos inferiores à metade da sua capacidade total, valor que não evidência a existência de problemas de disponibilidades hídricas em algumas regiões de Portugal continental, Figura 24, designadamente nas bacias do Sado, Mira e baixo Guadiana.

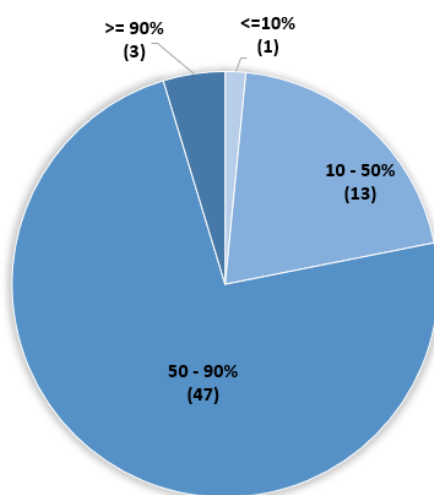


Figura 24 - Distribuição do volume total armazenado nas albufeiras hidroagrícolas à data deste relatório

5.2. Planeamento de contingência

Excluindo as albufeiras do Alqueva e da Aguieira (sem gestão direta dos agricultores), entre os aproveitamentos analisados, a albufeira de Santa Clara, na bacia hidrográfica do rio Mira, é aquela que apresenta maior volume armazenado 254,9 hm³, o qual em termos de volume total corresponde a 53 % do seu pleno armazenamento (485 hm³). Na Figura 25 podemos observar a evolução dos volumes armazenados, desde o início do ano hidrológico, tanto no EFMA como nos restantes aproveitamentos hidroagrícolas.

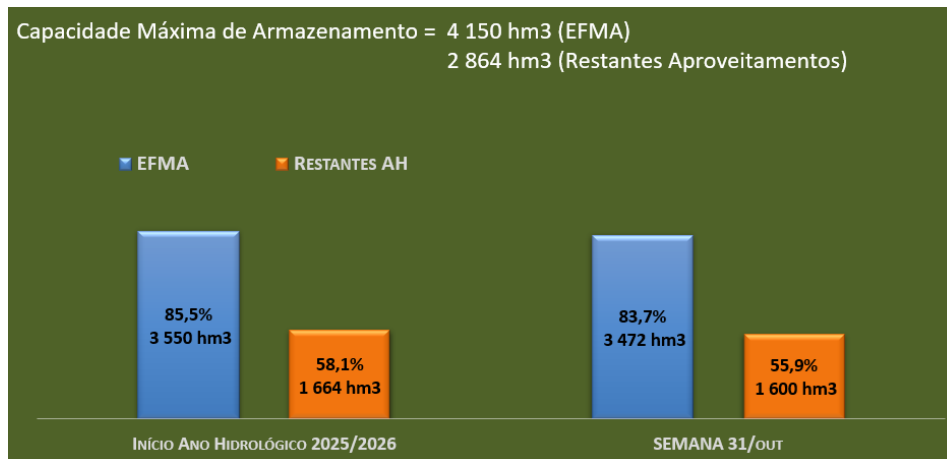


Figura 25 - Disponibilidades hídricas nas albufeiras hidroagrícolas à data deste relatório

Neste mês, existem 2 albufeiras com reservas de água para a agricultura esgotadas (nível de contingência 3) e 17 com restrições significativas (nível de contingência 2 e 1), num total de 64 albufeiras avaliadas.

As albufeiras com reservas de água para a agricultura esgotadas (nível de contingência 3) são:

- Santa Clara;
- Pereiras.

Independentemente dos volumes úteis atualmente disponíveis, será sempre necessário realizar uma gestão criteriosa dos recursos hídricos (bem escasso e finito), sendo o desafio mais exigente nos aproveitamentos com mais do que uma utilização principal.

Neste contexto, estão aos aproveitamentos do Azibo, Cova da Beira, Caia, Vigia, Roxo, Campilhas e Alto Sado, Mira, Odeleite-Beliche, EFMA e Aguieira.

Síntese do ponto de situação das albufeiras do grupo IV monitorizadas pelas DRAP Norte e Centro

Na Tabela 4 apresenta-se o ponto de situação das albufeiras do **Grupo IV** dos perímetros hidroagrícolas, monitorizadas pela Direção Regional de Agricultura e Pescas do Norte (DRAPN).

Tabela 4 - Disponibilidade de água nas albufeiras do Grupo IV (28 de outubro de 2025), de aproveitamentos hidroagrícolas, monitorizados pela DRAPN (Fonte: CCDR Norte)

Concelho	Albufeira	Cota NPA (m)	Volume Total (NPA) (hm ³)	Volume Útil (hm ³)	Armazenamento total					Armazenamento útil		
					Cota atual (m)	Vol. Atual 28.10.25 (hm ³)	Volume a 30.09.25 (hm ³)	Variação (hm ³)		% do NPA	Volume útil armazenado (hm ³)	%
Alfândega da Fé	Camba	620,43	1,09	1,06	615,59	0,67	0,72	↓	-0,05	61,47	0,64	60,38%
Bragança	Gostei	758,00	1,38	1,37	753,10	0,77	0,94	↓	-0,17	55,08	0,76	55,47%
Vinhais	Prada	931,50	0,25	0,24	931,50	0,17	0,20	↓	-0,03	68,00	0,16	66,10%
Chaves	Curalha	405,00	0,79	0,78	403,20	0,51	0,60	↓	-0,09	64,56	0,50	64,17%
Chaves	Mairos	800,00	0,37	0,36	796,80	0,19	0,21	↓	-0,02	51,35	0,18	50,14%

*O valor a verde corresponde à leitura de 23/06/2025, por a Águas de Portugal não ter enviado a cota atualizada.

Na Tabela 5 indica-se a percentagem de água disponível relativamente à capacidade total das albufeiras do **Grupo IV**, de perímetros hidroagrícolas, monitorizadas pela Direção Regional de Agricultura e Pescas do Centro (DRAPC), no mês de outubro.

Tabela 5 - Disponibilidade de água nas albufeiras do Grupo IV (31 de outubro de 2025),de aproveitamento hidroagrícolas (Fonte: DRAP Centro)

Concelho	Albufeira	Cota NPA (m)	Volume Total (NPA) (hm³)	Volume Útil (hm³)	Armazenamento total					Armazenamento útil		
					Cota atual (m)	Vol. Atual 31.10.25 (hm³)	Volume a 02.10.25 (hm³)	Varição (hm³)	% do NPA	Volume útil armazenado (hm³)	%	
Anadia	Porção	104,00	0,10	0,10	102,80	0,09	0,06	↑	0,03	86,4%	0,084	85,9%
Castelo Branco	Magueija	353,50	0,13	0,13	353,12	0,12	0,11	↑	0,01	92,5%	0,124	92,5%
Figueira Castelo Rodrigo	Vermiosa	684,80	2,20	2,15	682,96	1,25	1,17	↑	0,07	56,9%	1,201	56,9%
Mortágua	Macieira	143,60	0,95	0,92	141,90	0,75	0,75	↔	0,00	78,9%	0,721	78,9%
Oliveira de Frades	Pereiras	482,00	0,12	0,12	475,46	0,01	0,01	↔	0,00	8,9%	0,006	8,9%
Pinhel / Trancoso	Bouça-Cova	577,00	4,87	4,68	573,08	2,80	2,98	↓	-0,18	57,5%	2,617	57,5%
Sabugal	Alfaiates	801,00	0,85	0,65	798,71	0,44	0,52	↓	-0,08	52,0%	0,240	52,0%
Vila Velha de Rodão	Açafal	112,60	1,75	1,75	108,59	1,09	1,12	↓	-0,03	62,5%	1,092	62,5%
Vila Velha de Ródão	Coutada/Tamujais	131,00	3,89	3,30	125,24	1,82	1,90	↓	-0,12	46,7%	1,228	46,7%
Viseu	Calde	547,20	0,59	0,56	545,63	0,48	0,50	↓	-0,02	81,6%	0,448	81,6%

Agricultura e Pecuária

Neste capítulo apresenta-se a evolução das atividades agrícolas no final de outubro, em termos qualitativos, com indicação também de alguns valores das variações de área semeada, de produtividade e de produção face ao ano anterior (Anexos I e II).

6.1. Preparativos para o próximo ano agrícola - Condições em que decorreram as lavouras e sementeiras

Os preparativos para o próximo ano agrícola decorreram, de um modo geral, com a algum atraso, estando a maior parte das sementeiras ainda por realizar no final do mês. Durante o mês de setembro e início de outubro foram feitas as mobilizações de solo e da incorporação de matéria orgânica que antecede a sementeira das culturas cerealíferas.

6.2. Prados, pastagens permanentes e forragens

As pastagens permanentes em regadio apresentavam uma melhoria significativa no seu estado vegetativo após a ocorrência das primeiras chuvas. As pastagens de sequeiro (geralmente espontâneas) iniciaram novos ciclos vegetativos disponibilizando matéria verde para pastoreio direto, nomeadamente no Norte e no Centro do país, enquanto a Sul do Tejo a matéria verde disponibilizada ainda era insuficiente para o pastoreio direto dos animais. As espécies pecuárias estabuladas mantiveram condições de alimentação muito semelhantes a igual período do ano anterior, com boa disponibilidade de alimento natural conservado. O ano permitiu armazenar quantidades muito interessantes de forragens conservadas (fenossilagem e silagem).

A colheita de milho para silagem, ficou concluída durante o mês. A produtividade foi ligeiramente inferior ao ano anterior, embora seja considerado um ano bom de produção, confirmando-se uma boa qualidade.

No final de outubro iniciaram-se algumas sementeiras das áreas com culturas forrageiras anuais, consociações forrageiras (gramíneas versus leguminosas) e prados semeados.

6.3. Culturas de Primavera/Verão

Milho

A colheita de milho de sequeiro e regadio para grão, decorreu em boas condições ao longo do mês, e encontrava-se, praticamente, concluída. Conforme estimado, a produtividade foi menor ou igual ao ano anterior, devido a um conjunto de fatores, designadamente pela instalação tardia

da cultura, pelas condições climatéricas de tempo quente e seco em julho e agosto que condicionaram o desempenho da cultura, acrescentando os prejuízos causados pelos javalis em algumas searas, nomeadamente em alguns concelhos da região Centro e Lisboa e Vale do Tejo. Ainda, importa salientar que na região do Algarve se perspectiva uma produção superior.

Arroz

Durante o mês de outubro deu-se continuidade à colheita do arroz.

No Baixo Vouga e Baixo Mondego as condições climatéricas foram favoráveis ao seu bom desenvolvimento, no entanto, a produção foi afetada pela presença de várias infestantes, prevendo-se produções mais baixas do que no ano transato.

No Oeste está a ser um ano bastante difícil, aponta-se para um balanço final da cultura negativo. A colheita foi iniciada a meio do mês e encontrava-se realizada em cerca de um terço da área instalada. No dia 28 de outubro, a colheita foi interrompida pela queda de precipitação, verificando-se alguma acama. Nas restantes zonas da região de Lisboa e Vale do Tejo é esperado, também, um decréscimo da produtividade, considerando as sementeiras mais tardias e as condições de desenvolvimento do grão ao longo do ciclo (grãos que não vingaram por falta de fecundação, devido às condições climatéricas). Excetua-se a Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia que, apesar da instalação tardia, estima-se uma produtividade normal, semelhante à dos anos anteriores. A qualidade da produção já colhida apresentava-se dentro dos parâmetros normais.

No Alentejo verificou-se um aumento de produtividade global devido a uma maior área semeada na presente campanha.

Feijão, grão-de-bico e outras

As condições foram boas para a maturação e secagem do feijão e grão e, a colheita encontrava-se terminada.

Na região Centro estima-se uma produção de feijão e grão-de-bico igual à do ano anterior, enquanto na região de Lisboa e Vale do Tejo, apesar da produtividade ter sido inferior ao expectável para um ano normal, confirma-se que foi superior relativamente ao ano anterior.

Na Campina e Campo Albicastrense, zona de grande expressividade da cultura de feijão frade, confirma-se o aumento da produtividade relativamente ao ano anterior.

Tomate para indústria

A ausência de precipitação permitiu que as operações de colheita de tomate para indústria decorressem sem interrupções ou dificuldades. A colheita terminou na segunda semana do mês

e, comparativamente ao ano anterior, estima-se uma produtividade ligeiramente menor, mas com uma boa qualidade da produção ao nível de cor e brix.

Girassol

No final do mês deu-se por concluída a colheita, com bons resultados quantitativos e qualitativos.

6.4. Culturas arbóreas e arbustivas (vinha, pomares e olival):

Citrios

Os pomares de limão encontravam-se em bom estado vegetativo. Os frutos estavam em diferentes estágios de desenvolvimento, alguns já em maturação, com alteração visível da cor e outros ainda na fase inicial de formação. A colheita está prevista para o final de novembro, ligeiramente atrasada em relação ao período habitual.

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, os pomares de laranja das variedades Dalmau e Newhall, apresentavam um desenvolvimento normal para a época, estando a entrar na fase de amadurecimento dos frutos. Estima-se uma produtividade bastante menor do que no ano anterior

Nas tangerinas e seus híbridos, também, se estima uma queda na produção, na ordem dos 50% em toda a região do Algarve. Nas variedades mais tardias como D. João e Valência Late acompanham a tendência das variedades mencionadas.

Amendoeiras, Aveleiras, Nogueiras, Castanheiros

Nesta campanha, em Trás-os-Montes, a cultura da **amêndoa** sofreu quebras de produtividade associadas ao mau vingamento dos frutos, ao período de seca e ao stress hídrico elevado e, ainda, aos graves incêndios. Na região Centro, em termos gerais, também, houve quebras de produtividade.

No Alentejo a cultura foi bastante afetada pelas irregularidades climáticas e por fenómenos extremos, pelo que se registam quebras significativas de produção nas explorações mais afetadas. Pese embora o referido, e com a entrada em produção de novos pomares, será mais prudente aferir a contabilização da produção o final de novembro.

No Algarve, a precipitação ocorrida na primavera favoreceu a cultura do amendoal, conduzindo a um aumento de produção da ordem dos 25%, não sendo, contudo, ultrapassados os fatores estruturais limitantes de envelhecimento destes pomares.

A campanha de colheita de **avelã** na Terra Fria decorreu com normalidade e já está concluída. Em geral, os pequenos produtores declaram que este ano os frutos apresentavam boa qualidade e bom calibre, referindo que as produtividades e a produção total são superiores, quando comparado com o ano anterior, decorrentes do aumento de produtividade dos jovens pomares. Na região Centro prevê-se qualidade e produtividade semelhante à do ano anterior.

No que diz respeito à **noz**, os produtores estavam na fase de apanha, secagem e calibragem. Estamos perante uma campanha próxima da normalidade para a Terra Fria, com produtividade semelhante à da campanha anterior e cada vez mais plantas a entrar em plena produção.

A campanha da **castanha** encontrava-se em diferentes fases. As condições de stress hídrico no período estival condicionaram o desenvolvimento da castanha, que no geral se apresentava com calibre inferior ao normal. Relativamente à produtividade, há produtores que têm menos castanha e outros produtores com mais castanha que na campanha anterior.

Tal como mencionado no último relatório, na região transmontana, os incêndios provocaram a perda de uma grande área de castanheiros, em particular nos concelhos de Sernancelhe, Penedono, Moimenta da Beira, Tabuaço, Vila Real e Vila Pouca de Aguiar. De igual modo, o mesmo se verificou na região Centro, nomeadamente na Serra da Estrela.

Durante o mês de outubro foi possível constatar a recuperação natural de algumas das áreas ardidas de castanheiro, onde se verificou que sotos inteiros, ardidos completamente, apresentam sinais de regeneração com pequenas folhas a brotar dos ramos queimados.

Pomóideas

No Douro Sul, região de excelência na produção de maçã a nível nacional, os pomares registaram significativas perdas de produção, associadas a danos provocados pelo pedrado.

Na região Centro, a produção, tanto das peras como das maçãs foi ligeiramente inferior, prevendo-se uma quebra na produção comparativamente ao ano anterior.

No Oeste, os pomares de macieiras apresentavam perdas causadas pelo fogo bacteriano, que este ano teve uma incidência média. Em termos globais, para o conjunto das variedades de maçã, a produção deverá ser muito semelhante à do ano anterior. A colheita de pera Rocha terminou no início do mês, confirmando-se que a quantidade de produção colhida foi muito semelhante à do ano anterior. Pelo quarto ano consecutivo a produção foi muito inferior ao potencial produtivo da região.

Vinha

A campanha decorreu sem percalços e as vindimas ficaram terminadas ao longo deste mês.

No geral, registou-se uma perda de produtividade relativamente ao ano anterior, sobretudo devido aos fortes ataques de míldio e ao escaldão nas castas mais sensíveis que ocorreram durante o mês de junho. Relativamente à qualidade, esta foi considerada boa, no entanto, na comercialização espera dificuldades.

Apreciação detalhada por região:

➤ **Norte**

Na zona do Alvarinho, os dados finais da vindima, nomeadamente os recolhidos junto das adegas cooperativas e de particulares, apontam para acréscimos na produção, por comparação com o ano passado.

A campanha decorreu sem percalços, com as castas brancas e tintas a apresentarem-se com excelente qualidade e elevado teor de açúcar. Confirmam-se as quebras de produção de uvas para vinho estimada no relatório anterior.

➤ **Centro**

Na campanha existiu alguma heterogeneidade, com vinhas a apresentarem produções superiores e outras inferiores, em relação ao ano passado. No geral, destaca-se a qualidade boa das uvas e o bom equilíbrio entre acidez e teor de açúcares, o que é promissor para a qualidade dos vinhos. As perspetivas de comercialização não se apresentam otimistas.

➤ **Lisboa e Vale do Tejo**

A produtividade obtida nesta campanha ficou aquém das expectativas para um ano considerado normal, em consequência dos problemas fitossanitários ocorridos na cultura (em especial o míldio) e devido à falta de nascença, com conseqüente decréscimo de formação de cachos, principalmente nas castas Fernão Pires e Castelão na Península de Setúbal. No entanto, a qualidade da uva colhida foi muito boa, perspetivando-se vinhos com uma grande qualidade.

➤ **Alentejo**

As adegas da região funcionaram sem constrangimentos. A quantidade de uva transformada é inferior à do último ano. O vinho produzido é de qualidade estimando-se uma diminuição em relação à campanha anterior.

➤ **Algarve**

Observou-se uma quebra na produção em relação à campanha anterior, apesar de a vindima apontar para um nível elevado da qualidade.

Olival

➤ **Norte**

Na sub-região do Entre Douro e Minho esperam-se produções muito superiores às do ano anterior e uma boa qualidade. A colheita já se iniciou e foram realizados tratamentos contra a Mosca da Azeitona (*Bactrocera oleae*).

No geral, na região transmontana os olivais apresentavam um bom estado vegetativo e menos azeitona que em igual período do ano anterior, verificando-se, de igual modo, uma grande heterogeneidade.

➤ **Centro**

Na região Centro, iniciou-se a apanha da azeitona para azeite.

Nas zonas do litoral e transição estima-se que o rendimento seja superior relativamente ao ano anterior. No entanto, quer na Serra da Estrela quer na Cova da Beira o olival foi fortemente afetado pelos incêndios ocorridos em agosto, registando-se uma quebra de área produtiva, na ordem dos 50% a 60%.

➤ **Lisboa e Vale do Tejo**

No final do mês muito olivais encontravam-se colhidos. Nas variedades mais precoces verificou-se uma boa produtividade de azeitona, estimando-se que seja superior ao ano passado. Nas variedades mais tardias estima-se uma produtividade ligeiramente superior à do ano anterior, mas ainda muito condicionada pelas condições meteorológicas das próximas semanas. Nomeadamente, no Oeste a qualidade do azeite diminuiu ligeiramente ao longo da colheita por se terem intensificado os ataques de mosca da azeitona e a presença de gafa, favorecidos pelo aumento da humidade atmosférica e pelo estado muito avançado de maturação dos frutos.

➤ **Alentejo**

No Alentejo prespetiva-se quebras na produção de azeite, devido a algumas condições adversas registadas, nomeadamente as elevadas temperaturas durante o vingamento, bem como as altas temperaturas na última fase do ciclo vegetativo.

➤ **Algarve**

Com as chuvas ocorridas na última semana do mês de outubro houve uma melhoria na qualidade dos frutos e, conseqüentemente, um aumento do calibre da azeitona para azeite e mesa.

Este ano é de safra, o que aliado a esta última precipitação conduz a uma expectativa generalizada de produções mais altas, sendo, contudo, ainda cedo para concluir essa perspectiva.

6.5. Abeberamento dos animais

No mês de outubro, o abeberamento animal foi realizado sem qualquer restrição.

Outras Informações

Neste capítulo do relatório de monitorização é incluída informação considerada relevante em função da situação de seca em presença, não enquadrável nos temas dos capítulos anteriores.

7.1 Abastecimento por recurso a autotanques dos Corpos de Bombeiros

A utilização de veículos autotanque para reforço do abastecimento (por injeção de água em reservatórios ou instalações de tratamento) é uma prática corrente de diversas entidades gestoras, as quais recorrem a recursos próprios, a meios das autarquias (Câmaras Municipais e Juntas de Freguesia), a veículos detidos por privados ou, mais comumente, a veículos dos Corpos de Bombeiros.

No mês de outubro de 2025, foram reportadas 620 operações de abastecimento com recurso a meios dos Corpos de Bombeiros, valor que corresponde a uma redução de cerca de 15% face ao mês precedente e a um aumento de cerca de 26% comparativamente com a média de igual período de anos anteriores, conforme ilustrado na Figura 26.

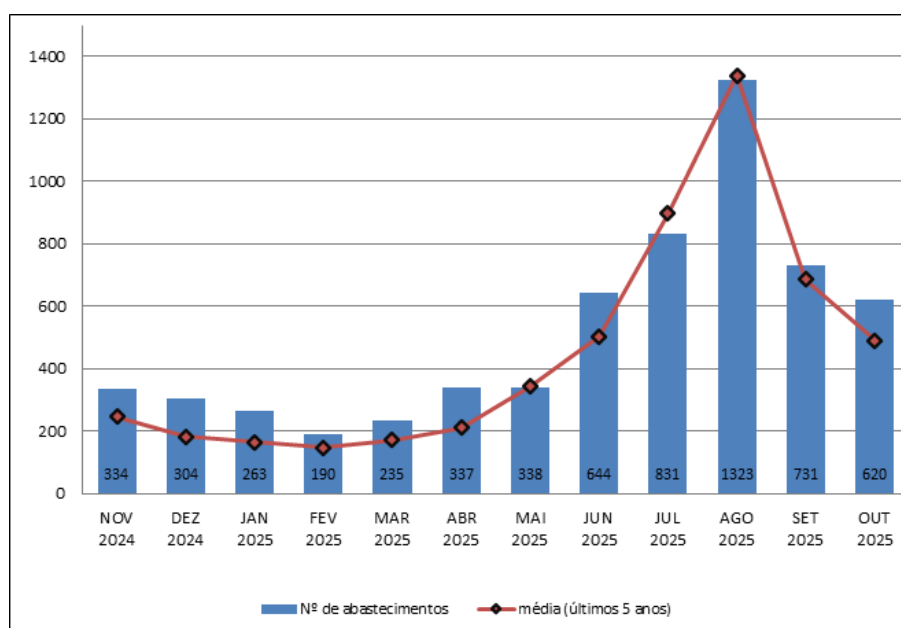


Figura 26 - Número de abastecimentos públicos (Fonte: ANEPC)

Numa análise distrital, verifica-se que os distritos de Faro (99), Bragança (81), Braga (77), Vila Real (58) e Viseu (51) são aqueles que registaram um maior número de abastecimentos mensais efetuados por Corpos de Bombeiros. Importa notar, contudo, que não é possível garantir que todas as operações de abastecimento efetuadas pelos Corpos de Bombeiros têm por finalidade o abastecimento público à população, ou que, tendo esse propósito, tal abastecimento decorra diretamente da situação de seca.

Os municípios que registaram maior número de operações de abastecimento com recurso a meios dos Corpos de Bombeiros no mês em causa foram:

- Vila do Bispo – 66 abastecimentos;
- Mirandela – 34 abastecimentos;
- Bragança – 30 abastecimentos;
- Anadia – 28 abastecimentos;
- Montalegre - 27 abastecimentos.

7.2 Abastecimento público

Neste capítulo pretende-se apresentar o ponto da situação mensal e a evolução entre 2022 e 2025, relativo aos volumes armazenados nas albufeiras onde as empresas do grupo Águas de Portugal captam água para abastecimento público, constando ainda:

- Identificação das albufeiras vulneráveis;
- Avaliação dos volumes totais armazenados por empresa face ao histórico;
- Avaliação dos volumes armazenados totais e úteis, por albufeira, relativos ao mês de outubro de 2025.

Nas tabelas e figura seguintes sintetizam-se a informação compilada e analisada.

Tabela 6 - Resumo do ponto de situação: volume total armazenado (%) nas albufeiras onde as empresas do grupo AdP captam água para abastecimento público a 31/10/2025 (Fonte: AdP)

Albufeiras com volume armazenado abaixo de 20%, só abastecimento.	Albufeiras com volume armazenado entre 20% e 40%, só abastecimento.	Albufeiras com volume armazenado abaixo de 20%, vários usos	Albufeiras com volume armazenado entre 20% e 40%, vários usos.	Albufeiras no limiar dos 40%, mas que poderão ter problemas com a qualidade de água ou importa manter sob vigilância
Alvão Fundeira - 16,26%	-	-	Arcossó - 33,61%	Bravura - 44,39%
Serra Serrada - 14,58%	-	-	Monte da Rocha - 22,29%	-
-	-	-	Roxo - 33,50%	-
-	-	-	Vigia - 31,45%	-

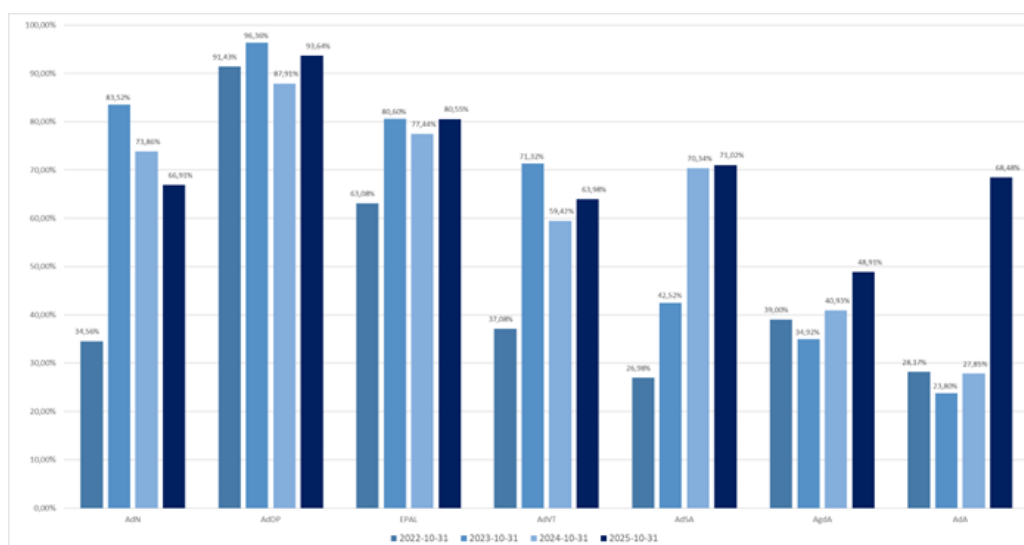


Figura 27 - Volume total armazenado (valores médios) a 31/10 nas albufeiras usadas pelas empresas do grupo AdP para abastecimento público – evolução entre 2022 e 2025 (Fonte: AdP)

**Tabela 7 - Ponto de situação, a 31/10, das albufeiras onde as empresas do grupo AdP captam água para abastecimento público:
volumen total armazenado (hm³ e %) (comparação entre 2022 e 2025) (Fonte: ADP).**

Empresa	Aproveitamento Hidráulico	Bacia Hidrográfica	31 outubro							
			2022		2023		2024		2025	
			hm ³	%	hm ³	%	hm ³	%	hm ³	%
AdN	Alijó (Vila Chã)	Douro	0,27	15,35%	1,38	79,02%	1,19	68,64%	1,24	71,02%
	Alto Rabagão	Cávado	136,15	23,94%	469,76	82,60%	408,01	71,74%	349,00	61,37%
	Alvão-Cimeira	Douro	0,46	31,41%	0,82	56,11%	0,96	58,86%	0,53	36,47%
	Alvão-Fundeira	Douro	0,02	16,27%	0,13	100,00%	0,13	98,86%	0,11	86,98%
	Arcossó	Douro	0,39	8,06%	2,53	51,89%	2,06	42,00%	1,64	33,61%
	Arroio	Douro	0,10	68,84%	0,15	99,40%	0,15	99,41%	0,15	100,59%
	Azibo	Douro	36,40	66,82%	45,52	83,57%	44,80	82,26%	44,21	81,16%
	Camba	Douro	0,58	52,35%	0,96	86,55%	0,93	84,01%	0,67	60,24%
	Ferradosa	Douro	0,60	84,49%	0,71	100,00%	0,71	99,94%	0,67	94,30%
	Lumiares (Armamar)	Douro	0,66	22,90%	1,54	53,09%	1,58	54,59%	1,41	48,58%
	Olgas	Douro	0,62	66,30%	0,93	99,27%	0,87	92,19%	0,61	64,79%
	Palameiro	Douro	0,08	33,46%	0,17	72,66%	0,18	75,95%	0,17	73,46%
	Peneireiro	Douro	0,23	30,32%	0,33	43,22%	0,47	61,16%	0,47	61,16%
	Pinhão	Douro	2,97	70,04%	4,24	100,00%	4,03	95,04%	2,95	69,67%
	Pretarouca	Douro	2,89	89,82%	3,15	97,82%	3,10	96,18%	1,71	53,08%
	Queimadela	Ave	0,70	100,00%	0,70	100,00%	0,70	100,00%	0,70	100,00%
	Salgueiral	Douro	0,03	22,18%	0,09	66,30%	0,09	67,10%	0,09	66,33%
	Sambade	Douro	0,22	18,70%	0,77	66,25%	0,81	69,84%	0,78	67,13%
	Serra Serrada	Douro	0,72	42,86%	1,68	100,00%	1,59	94,81%	0,25	14,58%
	Sordo	Douro	0,80	80,40%	1,00	100,00%	0,65	64,95%	0,70	69,91%
	Touvedo	Lima	12,17	78,52%	13,65	88,06%	11,01	71,03%	13,30	85,81%
Vale Ferreiros	Douro	0,84	69,63%	0,96	79,96%	1,02	84,86%	0,99	82,90%	
Valtorno-Mourão	Douro	0,12	11,00%	0,79	70,76%	0,76	68,34%	0,73	65,18%	
Veiguinhas	Douro	3,61	97,50%	3,69	99,78%	3,77	102,06%	3,44	92,89%	
Venda Nova	Cávado	84,10	88,99%	80,50	85,19%	85,93	90,93%	76,71	81,17%	
Vilar	Douro	13,90	13,93%	87,99	88,21%	64,92	65,08%	76,90	77,09%	
AdDP	Crestuma-Lever	Douro	100,57	91,43%	106,00	96,36%	96,70	87,91%	103,00	93,64%
EPAL	Castelo de Bode	Tejo	690,72	63,08%	882,59	80,60%	848,00	77,44%	882,00	80,55%
AdVT	Apartadura	Tejo	3,67	49,20%	4,85	65,00%	6,32	84,62%	5,74	76,88%
	Cabril	Tejo	255,04	35,42%	534,00	74,17%	361,00	50,14%	433,00	60,14%
	Caia	Guadiana	57,48	28,31%	134,95	66,48%	145,87	71,86%	140,25	69,09%
	Caldeirão	Mondego	4,25	76,99%	4,59	83,15%	4,20	76,07%	3,26	58,97%
	Capinha	Tejo	0,32	63,60%	0,50	100,00%	0,46	92,40%	0,48	95,20%
	Corgas	Tejo	0,52	100,00%	0,39	75,05%	0,33	50,26%	0,33	62,48%
	Fumadinha	Vouga	0,15	49,87%	0,29	100,00%	0,29	100,00%	0,31	104,64%
	Marateca (St.ª Águeda)	Tejo	27,35	73,52%	29,49	79,28%	30,25	81,32%	29,13	78,29%
	Meimôa	Tejo	18,66	47,85%	31,66	81,19%	32,17	82,49%	28,09	72,03%
	Monte Novo	Guadiana	5,34	34,95%	9,19	60,17%	9,18	60,06%	8,96	58,67%
	Penha Garcia	Tejo	0,52	48,33%	0,64	59,93%	0,67	62,68%	0,82	76,68%
	Pisco	Tejo	0,98	82,03%	1,20	100,00%	1,20	85,64%	1,21	100,74%
	Póvoa e Meadas	Tejo	7,43	38,50%	7,89	40,89%	10,68	55,35%	8,95	46,37%
	Ranhados	Douro	1,08	37,58%	2,30	80,03%	2,02	70,31%	2,05	71,11%
	Sabugal	Douro	41,46	36,28%	69,22	60,56%	84,81	74,20%	88,27	77,23%
	Santa Luzia	Tejo	31,35	58,38%	48,60	90,50%	41,17	76,67%	34,08	63,47%
	Vascoveiro	Douro	1,79	56,56%	2,53	80,07%	2,53	79,91%	3,17	100,12%
Vigia	Guadiana	2,38	14,21%	2,01	12,04%	3,65	21,84%	5,26	31,45%	
AdSA	Morgavel	Ribeiras do Alentejo	8,77	26,98%	13,82	42,52%	22,86	70,34%	23,08	71,02%
AgdA	Alvito	Sado	114,44	86,37%	98,09	74,03%	112,31	84,76%	84,17	63,53%
	Enxoé	Guadiana	8,53	70,52%	7,69	63,57%	7,75	74,50%	10,23	84,52%
	Monte Clérigo	Guadiana	0,14	35,32%	0,15	37,06%	0,18	45,56%	0,18	45,56%
	Monte da Rocha	Sado	8,95	8,71%	8,42	8,19%	12,34	12,01%	22,91	22,29%
	Roxo	Sado	20,50	21,29%	24,51	25,45%	26,07	27,07%	32,27	33,50%
Santa Clara	Mira	170,08	35,07%	150,09	30,94%	179,99	37,11%	254,89	52,55%	
AdA	Beliche	Guadiana	11,61	24,19%	10,52	21,92%	10,63	22,15%	30,44	63,41%
	Bravura	Ribeiras do Algarve	3,18	9,12%	2,64	7,58%	4,38	12,59%	15,46	44,39%
	Odeleite	Guadiana	40,40	31,08%	37,32	28,71%	37,48	28,83%	92,72	71,32%
	Odelouca	Arade	48,98	31,20%	37,53	23,91%	50,50	32,17%	114,63	73,01%

Nas figuras seguintes apresentam-se os volumes armazenados totais e úteis por albufeira relativo ao mês de outubro de 2025, bem como a respetiva capacidade de armazenamento.

Na Tabela 8, sistematizam-se as situações consideradas como “Prioritárias” ou “Em vigilância” bem como as respetivas medidas, à data de 31 de outubro de 2025 (existe alguma informação em atualização).

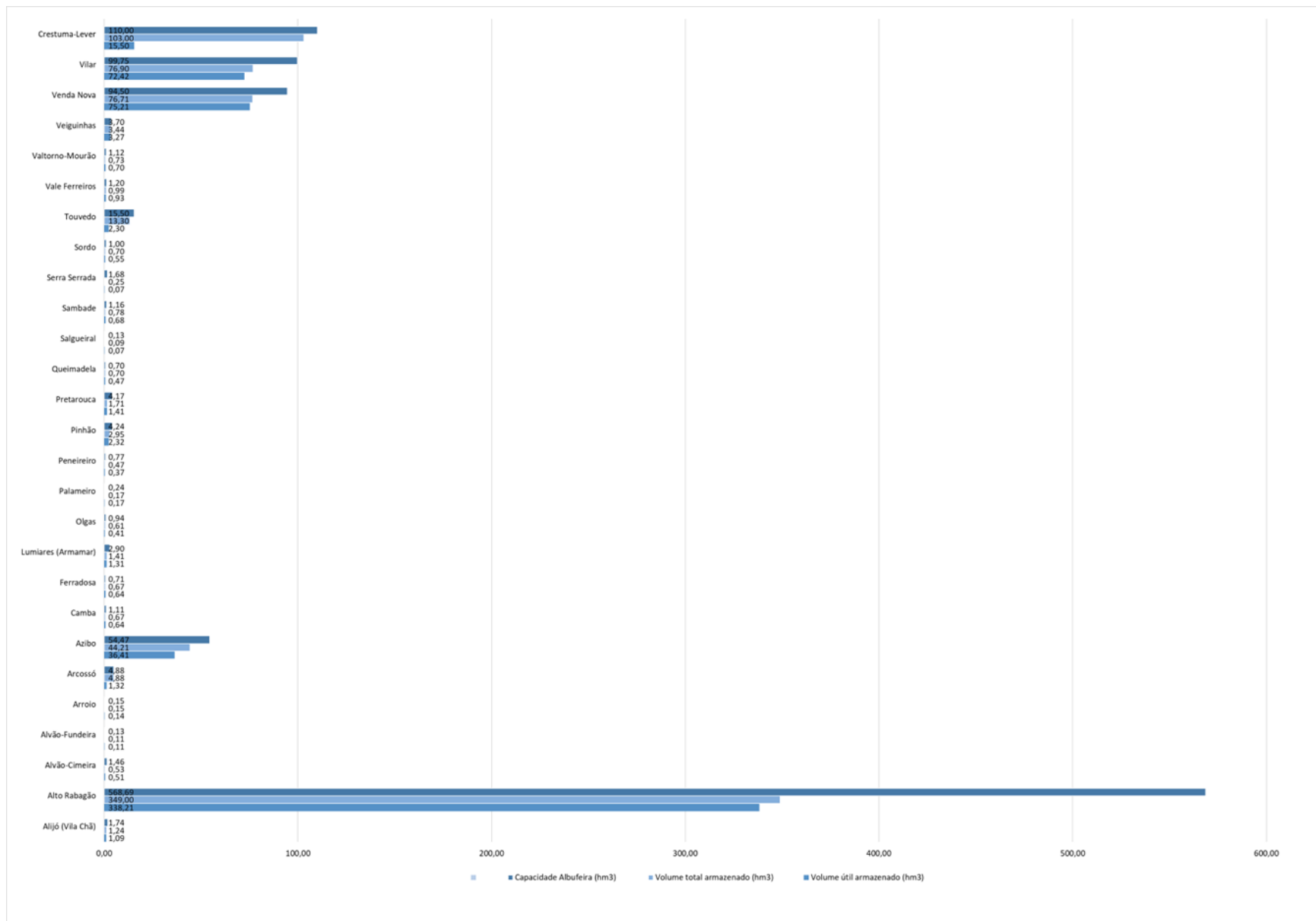


Figura 28 - Capacidade das albufeiras e volumes total e útil armazenados a 31/10/2025 nas albufeiras das empresas AdN e AdDP para abastecimento público. (Fonte: AdP).

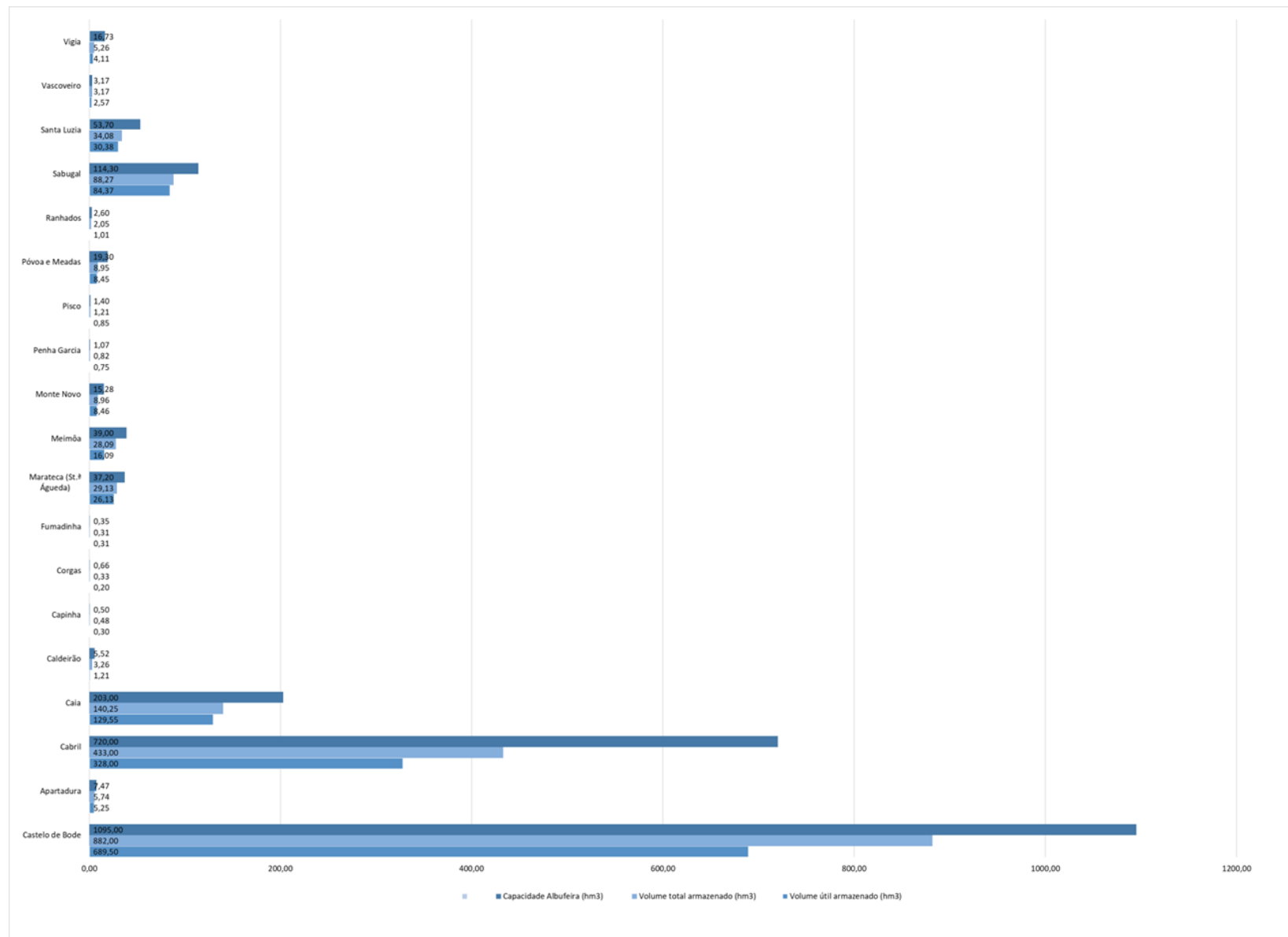


Figura 29- Capacidade das albufeiras e volumes total e útil armazenados a 31/10/2025 nas albufeiras das empresas EPAL e AdVT para abastecimento público. (Fonte: AdP).

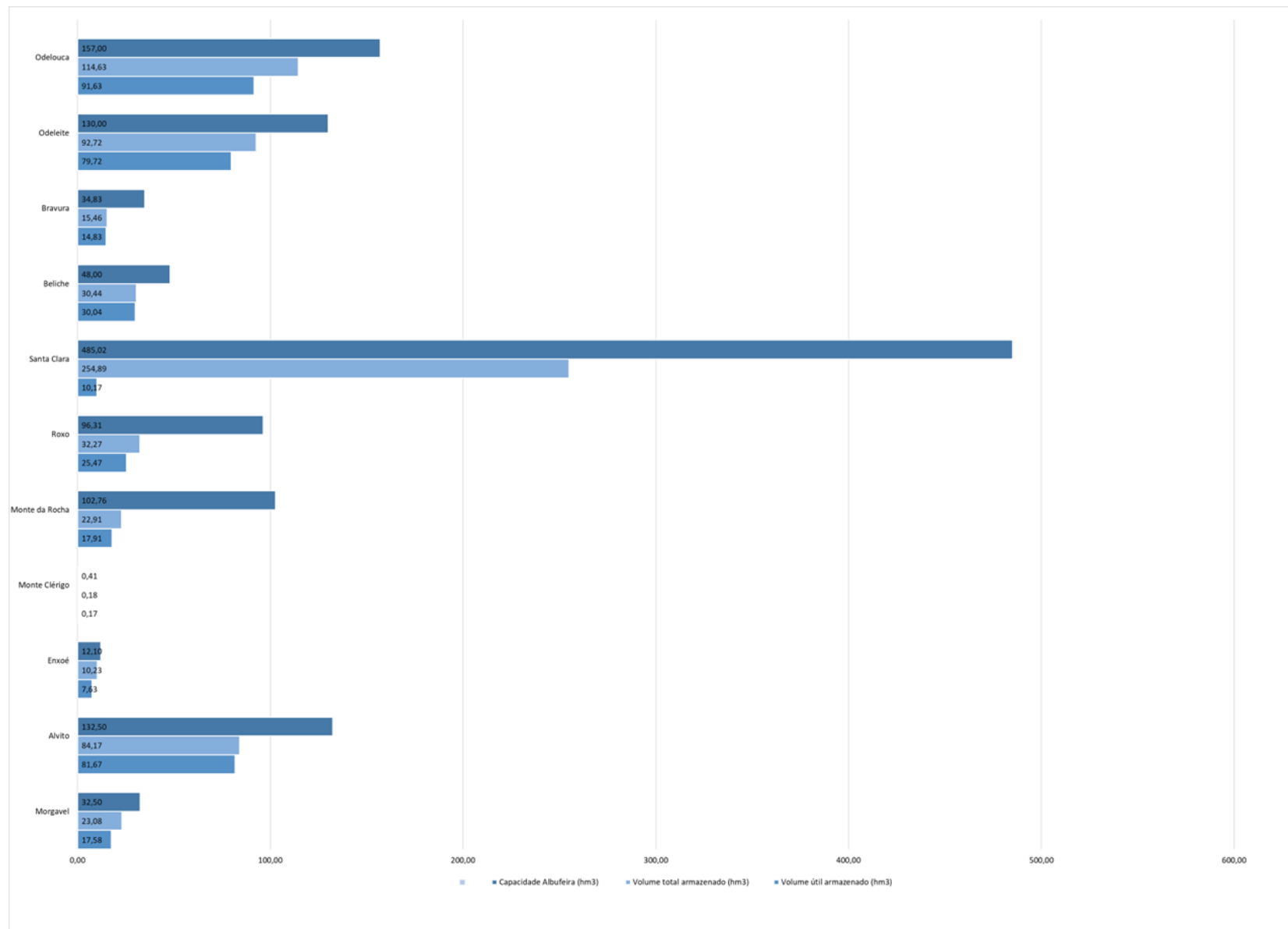


Figura 30- Capacidade das albufeiras e volumes total e útil armazenados a 31/10/2025 nas albufeiras das empresas AdSA, AgdA e AdA para abastecimento público. (Fonte: AdP).

Tabela 8 - Monitorização das situações críticas e respetivas medidas de adaptação e mitigação (em atualização) (Fonte: AdP)

Empresa	Data de reporte	Sistema	Municípios servidos	Tipo de origem	Breve Descrição	Situação	Medida para comunicação institucional	Necessária Intervenção da APA	Situação
Águas do Centro Litoral	30/04/2025	Ribeira de Alge	Ansião, Figueiró dos Vinhos, Penela	Drenos de captação	Monitorização permanente do nível do poço de captação. Verificou-se, desde o final da semana de 11-15 julho de 2022, uma redução substancial do volume de água na Ribeira de Alge e um consequente abaixamento do nível do poço de captação.	Prioritária ●	Tendo como objetivo a avaliação da possibilidade de recurso a águas subterrâneas, como alternativa/reforço das atuais captações sub superficiais, vai ser desenvolvido um estudo hidrogeológico. Aprovado em reunião de CA de 10-09-2024 o início de um procedimento administrativo de Ajuste Direto pelo Setor Especial para a contratação deste estudo à empresa Waterways, estando o mesmo já em curso.	Não	Por concretizar
Águas do Centro Litoral	30/04/2025	Mosteiro de Folques	Arganil	Drenos de captação	Integração nas infraestruturas do Sistema Multimunicipal da captação e ETA municipais de Folques, destinada a aumentar a resiliência do subsistema	Prioritária ●	"Proceder à avaliação funcional das infraestruturas para avaliar a oportunidade da manifestação junto do município do interesse na integração no Sistema Multimunicipal. Em contactos estabelecidos com o Município de Arganil, a AdCL manifestou interesse na integração da infraestrutura municipal no Sistema	Não	Em fase estudo/projeto

Empresa	Data de reporte	Sistema	Municípios servidos	Tipo de origem	Breve Descrição	Situação		Medida para comunicação institucional	Necessária Intervenção da APA	Situação
								Multimunicipal, estando em curso a preparação documental necessária á formalização do acordo/protocolo a estabelecer entre as partes.		
Águas Públicas do Alentejo	31/10/2025	Monte Clérigo-Rabaça	Almodôvar	Origens subterrâneas	Perda de produtividade de origem complementar à captação na albufeira de Monte Clérigo.	Em vigilância	●	Reforço de campanhas de sensibilização.	Sim	
Águas Públicas do Alentejo	31/10/2025	Mata de Valverde	Alcácer do Sal	Origens subterrâneas	Perda de produtividade	Em vigilância	●	Reforço de campanhas de sensibilização.	Sim	
Águas Públicas do Alentejo	31/10/2025	Campo Redondo	Odemira	Origens subterrâneas	Conjugação de perda de produtividade da origem com captações elevadas	Em vigilância	●	Reforço de campanhas de sensibilização.	Não	
Águas Públicas do Alentejo	31/10/2025	Santa Clara	Odemira	Albufeira	Preocupações com garantias do abastecimento público em cenários de fortes restrições no fornecimento para a agricultura.	Em vigilância	●	'Definição pela APA do regime de exploração da albufeira, incluindo a definição da cota mínima de captação. Implementação de medidas previstas e financiadas pelo setor da agricultura (e.g. construção de nova captação, redução das perdas nos canais de rega, aumento da capacidade	Sim	Por concretizar

Empresa	Data de reporte	Sistema	Municípios servidos	Tipo de origem	Breve Descrição	Situação	Medida para comunicação institucional	Necessária Intervenção da APA	Situação
							de reserva). Plano para aumento da sustentabilidade dos usos na bacia hidrográfica do Mira. Compromissos -Acordo H2O		
Águas Públicas do Alentejo	31/10/2025	Monte da Rocha	Almodôvar Castro Verde Ourique Odemira (9 localidades) Mértola (7 localidades)	Albufeira	Volume armazenado 24,243 hm ³ (Volume útil 19,243 hm ³). Necessidades anuais para abastecimento público 1,50 hm ³ (deverá ser salvaguardado o volume de 1,50 hm ³ + taxa de evaporação + infiltrações)	Prioritária ●	Ligação EFMA-Monte da Rocha. Reforço de campanhas de sensibilização. Levantamento das origens alternativas de abastecimento, incluindo reativação de instalações e avaliação das necessidades para a respetiva operação. Agendamento reunião ARBCAS e municípios. Revisão do portfolio de medidas implementadas/ a implementar (captação, ETA, adução, distribuição, outras).	Sim	Em Execução
Águas Públicas do Alentejo	31/10/2025	Monte Clérigo	Almodôvar	Albufeira	Origem que complementa Monte da Rocha. Volume armazenado disponível de 389 000 m ³ . Necessidades anuais para	Em vigilância ●	Licenciamento da captação e integração da barragem no futuro contrato de concessão	Sim	Por concretizar

Empresa	Data de reporte	Sistema	Municípios servidos	Tipo de origem	Breve Descrição	Situação		Medida para comunicação institucional	Necessária Intervenção da APA	Situação
					abastecimento público 186 702 m3.					
Águas Públicas do Alentejo	31/10/2025	Cavaleiros/Almansor	Montemor-o-Novo	Origens subterrâneas	Perda de produtividade	Em vigilância	●	Pedido de informação à APA relativo ao licenciamento de furos para rega.	Sim	
Águas Públicas do Alentejo	31/10/2025	Santa Margarida da Serra	Grândola	Origens subterrâneas	Perda de produtividade	Em vigilância	●	Comunicação da evolução das capitações ao município. Recomendação da restrição de usos não potáveis. Transporte de água efetuado nos dias 29/09, 04/10, 09/10, 12/10 e 13/10 de 2022.	Não	

7.3 Transferência do sistema Alqueva – Pedrogão

Os volumes globais transferidos a partir de Alqueva e Pedrogão para perímetros e aproveitamentos confinantes, estão apresentados na Tabela 9 e na Tabela 10. São, ainda, indicados os volumes transferidos para cada um dos subsistemas do EFMA na Tabela 11, bem como os pontos de medição na Figura 31.

Tabela 9 - Cotas e volumes do sistema Alqueva-Pedrogão, referentes a 01/11/2025 (Fonte: EDIA)

Albufeiras	Cota (m)	NPA (m)	Volume total albufeira (hm ³)	Volume útil albufeira (hm ³)	Volume armazenado (hm ³)	Volume morto (hm ³)	Volume útil armazenado (hm ³)	Percentagem volume útil (%)
1- Alqueva	148,67	152,00	4150,00	3117,00	3346,00	1033,0	2313,0	74,2
2 - Alvito	193,70	197,50	132,50	130,00	88,09	2,50	85,6	65,8
3 - Brinches	131,05	135,00	11,00	9,67	6,46	1,33	5,1	53,0
4 - Amoreira	131,07	135,00	10,69	8,99	6,29	1,7	4,6	51,0
5 - Pisão	154,27	155,00	8,20	6,66	7,01	1,5	5,5	82,1
6 - S. Pedro	140,29	142,50	10,83	8,55	7,31	2,28	5,0	58,8
7 - Serpa	119,30	123,50	10,20	9,90	5,45	0,3	5,1	52,0
8 - Loureiro	221,15	222,00	6,98	2,48	6,27	4,50	1,8	71,6
9 - Penedrão	166,22	170,0	5,2	3,60	2,64	1,6	1,0	29,0

Tabela 10 - Volumes mensais transferidos (hm³) do sistema Alqueva-Pedrogão em 01/11/2025 (Fonte: EDIA)

Albufeiras	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Total
A - Odivelas	0,005	0,000	1,562	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	4,781	6,348
B - Roxo*	0,012	0,005	5,665	8,271	0,012	0,004	0,000	0,000	0,000	0,000	13,969
C - Vale do Gaio	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000
D - Enxoé	0,226	0,200	0,206	0,218	0,232	0,234	0,264	0,276	0,243	0,256	2,357
E - Magra	0,208	0,160	0,186	0,182	0,199	0,201	0,202	0,206	0,207	0,211	1,961
F - Morgavel	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000
G - Fonte Serne	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000
H -Monte Novo	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,109	0,837	0,812	0,771	0,800	3,328
I - Alto-Sado	0,001	0,000	0,000	0,000	0,087	0,118	1,300	1,511	0,844	0,707	4,568
J -Guadiana-Álamos	0,000	0,130	10,848	0,000	3,934	38,879	40,358	38,969	38,956	39,544	211,618
K - Ardila	0,148	0,166	0,028	0,091	3,046	14,068	18,777	18,500	9,616	7,612	72,052
L - Pedrógão MD	0,759	0,105	0,078	0,158	5,817	15,801	18,846	18,466	11,365	10,124	81,519

Albufeiras	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Total
M	-										
Loureiro- Alvito	0,000	0,000	8,916	0,000	1,996	24,769	24,691	25,942	27,968	31,542	145,824
N- Vigia	0,000	0,000	0,068	0,001	0,002	0,173	0,176	0,223	0,265	0,258	1,164

*Inclui consumos clientes EDIA, ARBCAS e ADSA

Tabela 11 - Volumes totais elevados (hm³) do sistema Alqueva-Pedrogão em 01/04/2025 (Fonte: EDIA)

Volumes Elevados Subsistema	Total (hm ³)
Alqueva	211,62
Ardila	72,05
Pedrogão	81,52

Aspetos mais relevantes a sinalizar:

i)-A albufeira de Alqueva estava, no início de outubro, à cota (148,67), a 3,33m do seu NPA, tendo descido 0,42m relativamente ao último mês, sendo o seu volume de armazenamento útil e total de, respetivamente, 2313 e 3346 hm³, portanto menos 86 hm³ que no mês passado - e correspondendo a 74,2% do volume útil da albufeira.

ii) A albufeira do Alvito está a cota (193,70), portanto a 3,80m do seu NPA, tendo subido no último mês 1,02m.

iii) Alqueva mantém-se ainda a uma cota relativamente alta para a época. À exceção da albufeira da barragem de Serpa -que está a 4,20m do seu NPA - todas as outras estão a menos de 4 metros do seu NPA respetivo.

iii) O volume total elevado em Alqueva e Pedrogão foi em outubro de cerca de 57hm³ e no presente ano de cerca de 365 hm³.

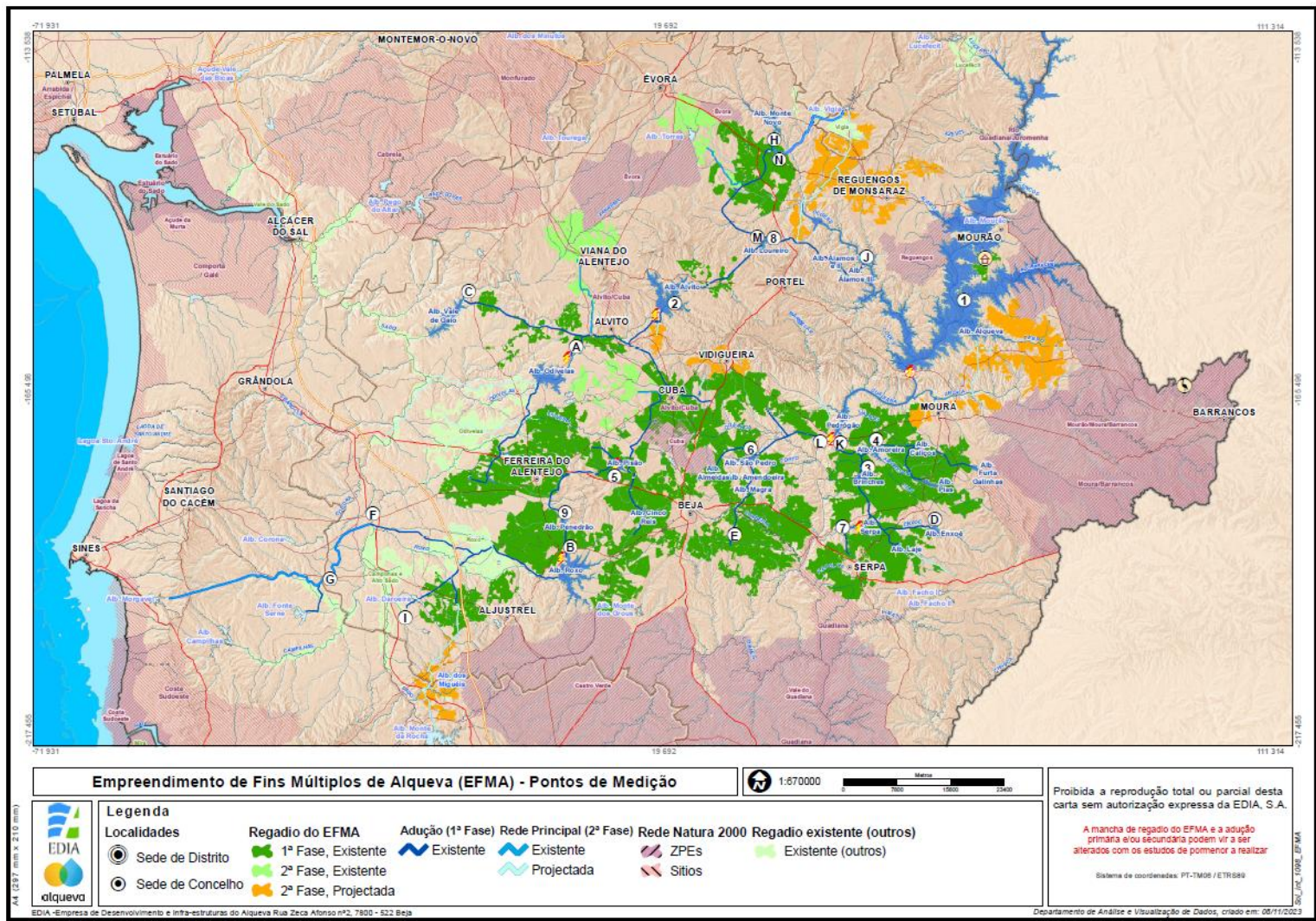


Figura 31 - Pontos de medição apresentados nas tabelas – Sistema Alqueva-Pedrogão

ANEXOS

Anexo I

Atualização dos níveis de seca hidrológica

Os níveis de seca hidrológica propostos no Plano de Prevenção e Mitigação dos Efeitos da Seca foram definidos tendo por base as séries de dados de volumes armazenados por bacia hidrográfica, considerando o período entre 1992/93 e 2019/20. Contudo, as atuais condições das reservas hídricas superficiais não são as mesmas:

- Na última década tem-se observado um aumento da frequência de períodos de seca e uma ausência de anos húmidos;
 - Os padrões de precipitação têm vindo a alterar-se de forma significativa;
 - Os usos associados às barragens monitorizadas no Boletim de Albufeiras têm vindo a alterar-se;
 - A avaliação dos volumes disponíveis tem de integrar novas barragens, como Baixo Sabor, Ribeiradio, entre outras.

Neste contexto, importa proceder à atualização dos níveis de alerta definidos para cada bacia hidrográfica monitorizada, tendo por base um conjunto de índices, de registos históricos de secas e dos seus impactos nos diversos setores, com particular incidência nos últimos 20 anos, nas secas de 2004/05, 2011/12 e 2016/17.

Importa ter presente que reconhecer uma seca emergente, ou saber se a seca terminou, implica perceber o que é normal para um determinado local ou estação do ano e considerando períodos de tempo o mais longos possível. A compilação de dados sobre os impactos nos diversos setores assume enorme relevância na avaliação da situação de seca.

A análise dos períodos de seca hidrológica por bacia hidrográfica começou pela aplicação de um índice que permite avaliar o volume de água disponível nas albufeiras, *Drought State Index for Reservoirs (DSIR)*. Este índice aplicado às séries de volume armazenado mensal, por bacia hidrográfica, permite avaliar em cada mês o nível de seca, quando comparado na série total.

$$DSIR = \frac{1}{2} * [1 + (Vi - Vav)/(Vmax - Vmin)], \text{ se } Vi \geq Vav$$

$$DSIR = \frac{1}{2} * (Vi - Vmin)/(Vav - Vmin), \text{ se } Vi < Vav$$

Em que V_i – volume armazenado no mês i ; V_{av} – volume armazenado médio; V_{max} – volume armazenado máximo e V_{min} – volume armazenado mínimo

Procedeu-se ainda ao cálculo dos percentis 5 até 75, para a série histórica de cada mês do ano hidrológico, considerando períodos de tempo o mais longos possível. No caso das bacias hidrográficas do Guadiana e do Arade foi considerado um período de análise mais curto, tendo em conta a entrada em funcionamento das barragens de Alqueva e Odelouca, respetivamente. A bacia hidrográfica das Ribeiras do Algarve Sotavento, que tem ligação ao sistema Odeleite-Beliche, foi avaliada tendo em conta os volumes deste sistema. A bacia hidrográfica do Vouga não tem ainda associado níveis de alerta por ter uma série de dados que ainda não é estatisticamente representativa, será por isso apenas avaliada relativamente à média.

A informação estatística foi correlacionada com os impactos das secas nas últimas duas décadas, o que conduziu às classes de seca hidrológica constantes da Tabela 12.

Tabela 12 - Classes de seca hidrológica (Fonte: APA)

Nível de seca hidrológica	Percentis	Potenciais Impactos
Normal]P50; P75]	Situação normal correspondente a um ano médio
Seca fraca]P25; P50]	Seca de curto prazo com possível impactes ambientais, no cultivo e no crescimento de culturas ou pastagens. Possível fim da seca: Pastagens ou culturas não totalmente recuperadas, mas ainda com défice de água. .
Seca moderada]P10; P25]	Alguns impactes nas culturas, pastagens, diminuição dos caudais nos rios, nos volumes armazenados nas albufeiras, diminuição das reservas subterrâneas, com alguns impactes ambientais e sociais. Garantir caudais ecológicos e usos prioritários. Seca em desenvolvimento.
Seca severa]P5;P10]	Perdas em culturas ou pastagens; Impactes significativos no ambiente e sociais Redução das disponibilidades pode obrigar a impor restrições aos usos. Garantir caudais ecológicos e usos prioritários. Reduzir os volumes captados para usos não essenciais.
Seca extrema	<=P5	Grandes perdas em culturas/pastagens. Redução muito significativa das disponibilidades de água com necessidade de impor restrições generalizadas de água. Pode ocorrer proibição de usos não essenciais (enchimentos de piscinas, rega de jardins com água da rede, etc.) Forte impacte ambiental.

A metodologia descrita é aplicada a cada mês do ano permitindo desta forma definir níveis de alerta mensais. Assim é possível o monitorizar em contínuo do estado das reservas hídricas superficiais, por bacia hidrográfica, antecipar possíveis situações de seca e implementar medidas de prevenção de seca.

- **BACIA HIDROGRÁFICA DO LIMA**

Bacia do Lima												
Percentil	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
P5	29.9%	29.0%	29.7%	30.0%	35.3%	38.0%	51.7%	58.8%	56.0%	49.7%	46.3%	33.9%
P10	34.9%	30.5%	33.4%	37.5%	38.7%	46.0%	58.5%	63.8%	59.5%	53.5%	47.9%	40.4%
P25	41.6%	39.6%	51.7%	52.0%	53.3%	66.6%	72.4%	69.1%	65.8%	57.8%	52.2%	44.9%
P50	53.1%	58.1%	62.3%	63.9%	68.7%	73.5%	80.1%	81.7%	77.8%	67.5%	58.8%	52.3%
P75	60.5%	70.0%	70.9%	81.0%	77.5%	83.3%	87.4%	87.2%	82.2%	73.4%	66.4%	61.8%

- **BACIA HIDROGRÁFICA DO CÁVADO**

Bacia do Cávado												
Percentis	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
P5	51.5%	48.3%	52.2%	51.0%	48.8%	50.2%	54.3%	58.5%	57.3%	52.8%	50.2%	49.7%
P10	52.1%	51.3%	55.9%	53.7%	51.3%	51.8%	56.7%	60.7%	58.5%	56.3%	54.1%	51.5%
P25	53.5%	59.7%	57.6%	58.8%	61.6%	65.8%	66.9%	69.5%	65.9%	60.6%	57.8%	54.7%

P50	59.0%	62.9%	66.3%	70.3%	72.0%	71.1%	76.3%	76.1%	72.3%	68.4%	64.6%	61.6%
P75	66.9%	69.2%	75.3%	82.2%	84.2%	83.8%	85.7%	82.0%	77.2%	73.1%	68.4%	66.2%

- **BACIA HIDROGRÁFICA DO AVE**

Bacia hidrográfica do Ave												
Percentil	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
P5	32.6%	26.5%	37.9%	43.5%	45.7%	47.7%	59.5%	56.6%	40.7%	36.5%	30.3%	30.4%
P10	35.9%	35.3%	46.6%	49.9%	50.3%	52.3%	61.0%	59.8%	50.3%	47.2%	38.7%	32.6%
P25	42.1%	43.6%	54.7%	56.8%	62.1%	59.4%	65.8%	68.7%	59.8%	55.4%	45.7%	39.6%
P50	52.4%	64.3%	65.7%	75.8%	70.0%	71.7%	78.0%	78.6%	68.7%	61.7%	53.5%	48.0%
P75	66.2%	79.5%	97.0%	91.7%	93.5%	84.5%	88.8%	86.8%	76.4%	70.1%	64.5%	56.0%

- **BACIA HIDROGRÁFICA DO DOURO**

Bacia hidrográfica do Douro												
Percentil	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
P5	50.4%	49.3%	53.9%	54.8%	55.1%	57.2%	57.2%	57.6%	57.6%	54.7%	52.5%	51.4%
P10	51.9%	52.7%	55.1%	55.3%	57.0%	58.5%	58.1%	62.8%	60.3%	57.2%	54.3%	53.6%
P25	56.7%	57.2%	58.0%	59.1%	61.3%	67.0%	70.5%	68.4%	66.2%	62.6%	59.4%	57.7%
P50	61.4%	60.0%	65.1%	68.0%	72.4%	74.3%	78.1%	74.9%	73.0%	68.8%	64.7%	61.6%
P75	63.1%	65.8%	71.3%	82.5%	80.5%	83.0%	80.7%	81.8%	77.2%	73.9%	71.2%	64.9%

- **BACIA HIDROGRÁFICA DO MONDEGO**

Bacia Hidrográfica do Mondego												
Percentil	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
P5	54.3%	56.2%	57.3%	62.0%	66.6%	70.0%	80.0%	83.3%	78.6%	70.7%	61.2%	56.0%
P10	56.5%	58.1%	60.1%	62.7%	66.9%	71.0%	80.9%	85.1%	80.4%	71.7%	63.3%	57.2%
P25	59.0%	64.1%	64.8%	66.6%	69.8%	73.4%	83.3%	86.7%	83.5%	74.0%	65.6%	60.6%
P50	61.9%	67.6%	70.3%	69.6%	72.5%	79.1%	89.3%	89.6%	87.8%	78.5%	67.3%	62.5%
P75	67.5%	72.4%	75.1%	77.0%	77.2%	81.0%	92.5%	92.2%	89.8%	81.9%	71.7%	63.4%

- **BACIA HIDROGRÁFICA DO TEJO**

Bacia hidrográfica do Tejo												
Percentil	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
P5	50%	56%	56%	54%	53%	58%	61%	63%	61%	57%	54%	50%
P10	54%	56%	57%	58%	58%	64%	65%	68%	66%	62%	58%	56%
P25	58%	59%	62%	64%	67%	74%	77%	76%	72%	67%	62%	59%
P50	63%	63%	72%	79%	82%	81%	83%	83%	80%	73%	67%	64%
P75	66%	68%	84%	89%	88%	87%	90%	88%	84%	76%	71%	68%

- **BACIA HIDROGRÁFICA DAS RIBEIRAS DO OESTE**

Bacia Hidrográfica das Ribeiras do Oeste												
Percentil	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
P5	22.1%	25.1%	33.1%	36.1%	36.7%	36.4%	34.0%	31.8%	28.8%	26.6%	22.2%	21.0%
P10	26.3%	32.6%	38.9%	38.0%	38.9%	39.8%	39.7%	41.4%	36.7%	32.6%	28.9%	27.0%
P25	40.5%	43.2%	48.6%	52.1%	52.1%	51.3%	55.4%	54.7%	51.4%	48.2%	44.9%	42.3%
P50	49.7%	54.2%	56.9%	61.1%	67.7%	68.8%	67.1%	68.7%	66.0%	61.6%	57.1%	52.7%
P75	65.3%	67.7%	74.6%	82.1%	86.1%	86.7%	87.8%	83.6%	78.8%	73.9%	69.5%	66.3%

- **BACIA HIDROGRÁFICA DO SADO**

Bacia hidrográfica do Sado												
Percentil	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
P5	18.6%	19.0%	25.3%	27.4%	29.7%	36.2%	38.3%	35.2%	30.3%	24.8%	20.1%	18.2%
P10	21.0%	21.4%	27.9%	30.5%	34.8%	42.1%	43.1%	39.2%	34.8%	29.3%	24.5%	21.8%
P25	31.3%	33.3%	40.0%	41.5%	43.5%	48.2%	49.1%	50.3%	46.6%	39.6%	33.4%	30.3%
P50	40.6%	44.7%	50.8%	63.4%	64.8%	65.4%	66.7%	62.7%	56.3%	48.8%	42.7%	39.3%
P75	56.1%	58.0%	71.1%	73.7%	77.9%	84.8%	85.9%	82.7%	76.9%	69.1%	61.0%	56.9%

- **BACIA HIDROGRÁFICA DO GUADIANA**

Bacia hidrográfica do Guadiana												
Percentil	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
P5	59.3%	60.1%	64.5%	64.5%	64.9%	67.8%	67.1%	66.3%	64.4%	62.1%	60.6%	59.9%
P10	61.5%	61.8%	64.9%	65.7%	65.3%	69.4%	68.8%	68.0%	66.6%	64.6%	62.1%	61.6%
P25	66.2%	69.4%	74.3%	73.7%	76.2%	75.9%	75.8%	75.3%	73.5%	70.1%	66.6%	65.3%
P50	74.2%	75.5%	76.1%	77.3%	80.0%	81.3%	81.1%	81.3%	78.9%	76.0%	74.5%	74.0%
P75	76.9%	79.2%	83.6%	87.5%	88.8%	89.3%	88.4%	86.4%	83.8%	81.6%	79.2%	78.2%

- **BACIA HIDROGRÁFICA DO MIRA**

Bacia hidrográfica do Mira												
Percentil	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
P5	40.7%	41.2%	42.5%	42.4%	44.8%	44.3%	44.2%	43.3%	41.9%	40.3%	38.8%	37.8%
P10	42.6%	43.0%	48.8%	49.0%	50.3%	51.0%	50.4%	49.2%	47.8%	46.1%	44.2%	42.8%
P25	55.5%	59.2%	59.4%	61.8%	63.3%	67.2%	66.9%	65.2%	62.9%	60.3%	57.7%	55.9%
P50	71.0%	71.6%	73.2%	77.9%	77.3%	78.1%	80.5%	80.4%	77.9%	74.9%	72.3%	71.1%
P75	81.7%	81.1%	83.9%	84.9%	87.7%	88.1%	90.8%	89.3%	87.0%	84.2%	81.3%	80.0%

- **BACIA HIDROGRÁFICA DO ARADE**

Bacia hidrográfica do Arade												
Percentil	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
P5	33.6%	33.6%	38.6%	38.2%	40.3%	38.4%	41.9%	40.7%	38.9%	35.5%	32.0%	29.9%
P10	35.7%	36.6%	40.2%	40.0%	41.4%	45.4%	45.5%	44.5%	42.2%	38.9%	35.6%	33.4%
P25	40.3%	41.0%	48.3%	53.0%	52.4%	52.9%	52.4%	51.4%	48.2%	44.5%	40.8%	39.3%
P50	46.3%	49.1%	54.1%	55.0%	56.8%	60.4%	61.9%	61.1%	57.6%	53.8%	50.1%	47.0%
P75	56.5%	55.0%	55.3%	58.8%	61.6%	72.1%	74.8%	72.2%	68.6%	64.4%	60.3%	57.6%

- **BACIA HIDROGRÁFICA DAS RIBEIRAS DO ALGARVE (BARLAVENTO)**

Bacia hidrográfica das Ribeiras do Algarve (Barlavento)												
Percentil	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
P5	11.8%	12.7%	18.5%	19.8%	25.7%	25.2%	23.8%	21.8%	19.0%	15.7%	12.2%	10.2%
P10	17.1%	17.0%	29.9%	31.2%	32.9%	32.5%	32.7%	31.1%	28.5%	23.7%	18.8%	15.1%
P25	37.9%	45.6%	48.7%	58.0%	59.9%	61.2%	61.9%	57.6%	52.6%	46.4%	40.9%	36.8%
P50	60.1%	60.1%	68.9%	72.5%	78.8%	81.2%	80.6%	79.9%	75.5%	69.6%	64.0%	60.0%
P75	70.3%	70.9%	81.3%	91.7%	97.0%	97.3%	97.1%	93.0%	87.8%	80.7%	74.0%	70.8%

- **BACIA HIDROGRÁFICA DAS RIBEIRAS DO ALGARVE (SOTAVENTO)**

Bacia hidrográfica das Ribeiras do Algarve (Sotavento)												
Percentil	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
P5	31.0%	39.1%	43.5%	44.8%	45.0%	44.6%	46.0%	45.5%	42.9%	38.6%	33.7%	29.5%
P10	36.2%	44.7%	47.9%	49.3%	47.8%	46.7%	47.7%	51.2%	48.7%	45.9%	43.0%	39.6%
P25	46.5%	51.4%	63.4%	63.9%	67.2%	71.2%	69.4%	65.5%	61.0%	55.6%	50.4%	48.7%
P50	66.2%	69.1%	71.9%	74.9%	78.0%	82.0%	82.1%	82.8%	78.8%	74.7%	71.2%	68.5%
P75	76.5%	74.6%	76.7%	77.7%	87.0%	89.8%	89.7%	92.4%	88.3%	83.1%	78.4%	74.3%

Anexo II

Variação da Área Cultivada em relação à campanha anterior (%) Campanha 2024/25

(Fonte: CCDR, Norte, Centro, Lisboa e Vale do Tejo, Alentejo e Algarve)

CULTURAS	NORTE	CENTRO	LVT	ALENTEJO	ALGARVE
Culturas forrageiras					
Milho		-20 a 0	a)	-50 a +30	
Sorgo		0		-50 a +20	
Aveia		-5 a 0			
Azevém		0		0	
Centeio		-5 a 0			
Consociações					
Leguminosas		0 a +15			
Prados temporários		0 a +20			
Pastagens permanentes					
Cereais outono/inverno:					
Trigo mole					
Trigo duro					
Triticale					
Aveia					
Centeio					
Cevada					
Culturas Primavera/Verão:					
Arroz		0	-5 a 0		
Batata Sequeiro					
Batata Regadio					
Feijão		0 a +5	-80 a 0	0 a +10	0
Girassol		0			
Grão-de-Bico		0	a)	-20 a 0	-5
Milho de Regadio	-10 a 0	-20 a 0	-50 a +10	-35 a -4	0
Milho de Sequeiro		-20 a 0	-2		-10
Melão			0		
Tomate para Indústria		-40	-20		

a) Ainda não é possível estimar

b) Área retificada

Anexo III

Varição da Produtividade/Produção* em relação à campanha anterior (%) Campanha 2024/2025 (Fonte: CCCR, Norte, Centro, Lisboa e Vale do Tejo, Alentejo e Algarve)

CULTURAS	NORTE	CENTRO	LVT	ALENTEJO	ALGARVE
Culturas forrageiras:					
Aveia		-20 a +20*			
Azevém		-10 a +20*		+50*	
Centeio		-20 a +20*			
Consociações				+100*	
Milho		-10 a +5*	+10 a +20	-50 a +30*	
Sorgo		-10 a +44*		-50 a +20*	
Cereais outono/inverno:					
Trigo mole	-1 a +6*	-20 a +10*	-50 a +5*	-30 a +175*	+50 a +100*
Trigo duro			-44 a +10*	-30*	+50 a +100*
Triticale	0 a +76*	-5 a +10*	-20 a 0*	-30*	+50 a +100*
Centeio	-5 a +10*	-20 a +43*		-30*	+50*
Cevada	-67 a +31*	-20 a +10*	-55 a 0*	-30*	+50 a +100*
Aveia	-42 a +20*	-20 a +43*	-55 a 0*	-30*	+50 a +100*
Culturas Primavera/Verão:					
Arroz		-2 a 0*	-5 a 0*	0 a +300*	+12 (relativo a 2023)
Batata Sequeiro	-25 a +17*	-80 a +50*	-55 a -32*		+40*
Batata Regadio	-11 a +30*	-71 a +21*	-40 a -10*	0*	+10*
Feijão	-17 a +7*	-20 a +10*	-40 a -20	-80 a 0*	+40*
Milho de Regadio	-10 a +5	-2 a +20	-10 a +10	-15	+30
Milho Sequeiro	-20 a +7*	-30 a 0*	-31 a -17*	0	0 a +30*
Grão-de-Bico	-1 a +15	-20 a 0*	-80 a +73*	-20 a 0*	+40*
Melão			+10 a +40*	0*	
Tomate para Indústria		-23*	-24 a -4*	-80 a -5*	
Girassol		0*	-80 a 0*	-80 a +80*	
Culturas Permanentes					
Alfarroba					+100*
Amêndoa	-45 a +10*	-50 a +10*	-2 a +37*	0*	+25*
Avelã	-10 a +34	-5 a +10			
Azeitona de Mesa	-39 a -10	-20 a +40	a)	a)	a)
Azeitona de Azeite	-40 a +200	-20 a +50	a)	a)	a)
Cereja					+10*
Castanha	-18 a +83	-30 a +40			0
Kiwi	-8 a +80	-30 a +50		-15	0
Mirtilo	-34 a +121				
Laranja	-11 a 0*	0 a +40*	a)	0	-45*
Maçã	-14 a 0*	-30 a +10*	-10 a 0*	-30 a 0*	+10*
Noz	-4 a +10				
Pêssego	-30 a +20*	-70 a +10*	-55 a 0*	-30 a 0*	-5*
Pera	-14 a 0*	-15 a +5*	-15 a +5*	-30 a -5*	+10*
Figo		-20 a +10*	-15 a -10*	0*	+25*
Uva de Mesa	-34 a -10*	-70 a +20*	-66 a -20*	-10 a +5*	0*
Uva para Vinho	-61 a +97*	-25 a +200*	-20 a -10*	-30*	-15*

* - Produção

a) Ainda não é possível estimar

b) Valor a definir no fim de novembro com as declarações de colheita e produção

